Cinearte

EDMUND LOWE

ANNO V N. 253
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

DIRECTOR

ANNO V NUM 253

31 DEZEMBRO DE 1930

FORTUITO encontro com o Sr. Francisco Serrador, um destes ultimos dias, proporcionou-nos alguns momentos de palestra com o mais ousado dos nossos homens de negocio em materia de cinematographia. Incidiu a palestra, naturalmente, sobre a quadra que vamos atravessando, má em todos os sentidos, mas que se tem feito particularmente sentir no meio cinematographico.

Falou-nos o Sr. Serrador, e quanta razão lhe demos, pois tudo isso haviamos previsto nestas columnas das difficuldades que o commercio cinematographico havia encontrado e estava encontrando ainda no periodo de transição do film silencioso para o sonoro que obrigava a despesas formidaveis os exhibidores, despesas que a exploração do film nem de longe compensara ainda.

— Parecerá a muita gente que o proprietario de um salão, uma vez feita a sua installação, passará o resto de sua vida a colher lucros sobre lucros exhibindo films, encontrando farta compensação para os capitaes empregados. Pura illusão! Se ha commercio que esteja a exigir dia a dia despesas novas é este. Veja o que nos aconteceu a nós, aqui Sahimos das pequenas salas d'antanho para os grandes Cinemas deste bairro. Grandes? Foram grandes por dias apenas, porque a affluencia do publico, multiplicado pelo conforto que lhe proporcionavamos, dentro em breve os tornava pequenos.

Parecia, entretanto, que iriamos emfim desfrutar tranquillamente os lucros do capital empregado nessas enormes construcções. Essa era a esperança de facto. Os lucros proporcionariam meios para novos e mais ousados emprehendimentos Eis que surge o Cinema sonoro. A novidade corre mundo. O Rio de

BESSIE LOVE... FELIZ ANNO NOVO, MINHA AMIGUINHA VETERANA...

Janeiro não podia ficar atraz de outras grandes cidades. E eis-nos forçados a despesas extraordinarias com a acquisição e montagem de um apparelhamento custoso para cuja conservação e manejo outras despesas eram precisas.

Só a nossa empresa, nessa transformação, teve de empregar somma superior a dois mil contos.

Como vê, estamos dentro de um verdadeiro circulo vicioso, ou antes, mettidos em uma engrenagem que nos arrasta máo grado os nossos esforços.

Os capitaes têm que se ir multiplicando,

ao contrario de outras industrias, de outro genero de commercio em que uma vez estabelecidos, passam os seus donos a desfrutal-os tranquillamente.

A nossa actividade é differente.

Tem que contar sempre com o imprevisto, dispor de animo e de muita resignação.

Ha muita gente que só fala dos enormes lucros dos proprietarios de Cinema. Ignoram, os que isso allegam, que nós estamos sujeitos ás contingencias das estações, a estação estival arredando a frequencia aos nossos salões, das qualidades dos films que só de raro em raro offerecem um que, cahindo verdadeiramente no gotto do publico, proporciona ponderaveis lucros; as fluctuações mesmo desse gosto são outro motivo que tornam mais vacillante o exito.

Eu jamais desanimo, como sabe.

Como vou sempre ao encontro dos desejos do meu publico, busco adivinhar-lhe as preferencias, vario os espectaculos, faço a caçada ao bom film em todo o Universo.

E, comtudo, posso hoje dizer-lhe que creio jamais passou o nosso commercio por crise semelhante á que o afflige

O publico já não é tão numeroso, devido aos motivos que todos sabem; a situação para muitos exhibidores já é de angustia. Teremos de desanimar agora?

Pensou algum tempo e depois disse, animadas as feições por expressão de energia:

— Afinal, o que se dá com o Cinema é o reflexo apenas do que vae por todo o Brasil. Descrer do futuro de nossas empresas e da victoria final fôra descrer das gigantescas possibilidades deste gigante. Assim como o Brasil ha de vencer a sua crise passageira, nós, os que tudo sacrificamos pelo Cinema, teremos o nosso grande dia da victoria.

Alda Rios, estrella d'"A Tormenta", producção da Yara-Film, Bello Horizonte.

Cinema do Brasil

Tamar Moema é bem do Cinema Brasileiro. Foi descoberta dentro delle. Fez-se com elle. E' uma pequena muito boazinha e distincta. Muito bonitinha tambem. Está cada vez mais querida, possue uma legião grande de admiradores. Todos gostam de Tamar Moema. E disso tudo ella teve a prova com a viagem que fez agora ao Norte, onde teve uma linda recepção em cada porto.

Todos queriam ver Tamar Moema. Organizaram-se muitas festas por causa de Tamar Moema.

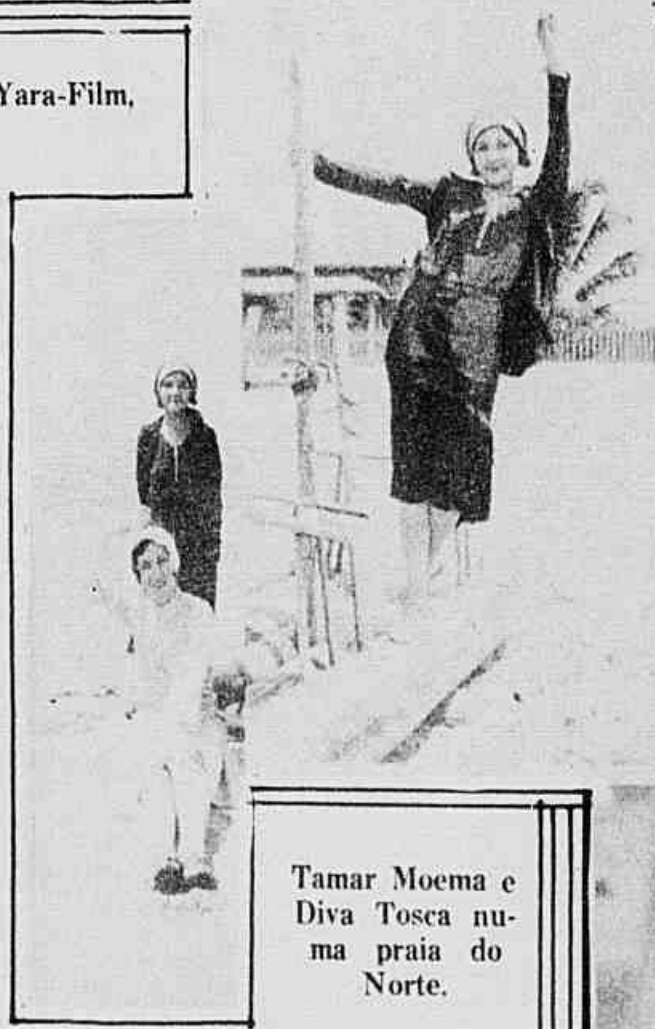
Foi um pouco de gloria para o Cinema Brasileiro, tambem.

O seu nome era maior do que ella pensava e isso é um successo bonito do nosso cinemazinho.

Entretanto, Tamar só appareceu num pequeno papel em "Labios sem beijos". Ninguem conhece bem quem é a Tamar artista. Mas agora todos vão conhecel-a melhor com o largo contracto que firmou com a Cinédia para apparecer numa porção de films. Primeiro em "Ganga bruta" que será, afinal, o proximo film que Humberto Mauro dirigirá para a Cinédia, argumento interessantissimo e original que, como se sabe, já era para ser filmado pela Phebo. Humberto Mauro tem justificado enthusiasmo pelo film, porque dispõe de admiravel material cinematographico e mais dentro do seu genero.

E Tamar Moema tem um dos unicos papeis femininos do film, um papel que lhe dá margem a apresentar o melhor trabalho do Cinema Brasileiro.

* * *

A filmagem de "O preço de um prazer" continúa com grande actividade e animação. Harold Mauro e Flavio Lima, um dos principaes interpretes de "As Armas" tambem já tomaram parte em algumas scenas. O film, porém, tem outros grandes papeis a ser

Tamar Moema e Diva Tosca numa praia do Norte.

preenchidos e a Cinédia procura os melhores typos.

* * *

Mario Peixoto, director e productor de "Limite" já está cuidando de uma segunda producção.

Edgar Brasil será, outra vez, o seu "camera-mans".

* * *

Arthur Serra, director de "A tormenta", da Saifa-Yara, de Bello Horizonte, esteve no Rio acompanhado dos directores da empresa para tratar da distribuição do seu film que será feita pela agencia Leon Abran.

* * * Mendes de Almeida, ou melhor, Joaquim Canuto Mendes de Almeida, que foi o director do "Fogo de Palha" e chronista cinematographico do "Diario de São Paulo", de onde muitas vezes auxiliou a propaganda do nosso Cinema, acaba de chegar do "climax" do seu romance de amor, casando-se com a senhorinha Maria Ricardina Gonçalves. Os films costumam terminar com um casamento. Mas ha muitos films que começam por onde esses acabam. São sempre os melhores.

Por isso mesmo é que nós agora esperamos as suas novas contribuições e as mais bonitas para o Cinema do Brasil.

Canuto gosta muito do nosso Cinema. Conhece o seu valor e a sua importancia. Sabe de todas as suas probabilidades, conhece as suas alegrias e as suas maguas. Comprehende-o.

Felicidade, muita felicidade, "Cinearte" deseja sinceramente ao Canuto, mas espera que elle não se esqueça deste Cinemazinho bonito que muito já tem dado o que pensar...

* * *

"Amor e Patriotismo", a primeira producção da Anhangá Film, de São Paulo, acaba de ser exhibida no S. Bento.

Irene Radner, que já figurou em "O descrente" e "Emquanto São Paulo dorme" é a estrella coadjuvada por Lelo Aymoré, Cyllo Aumas e outros.

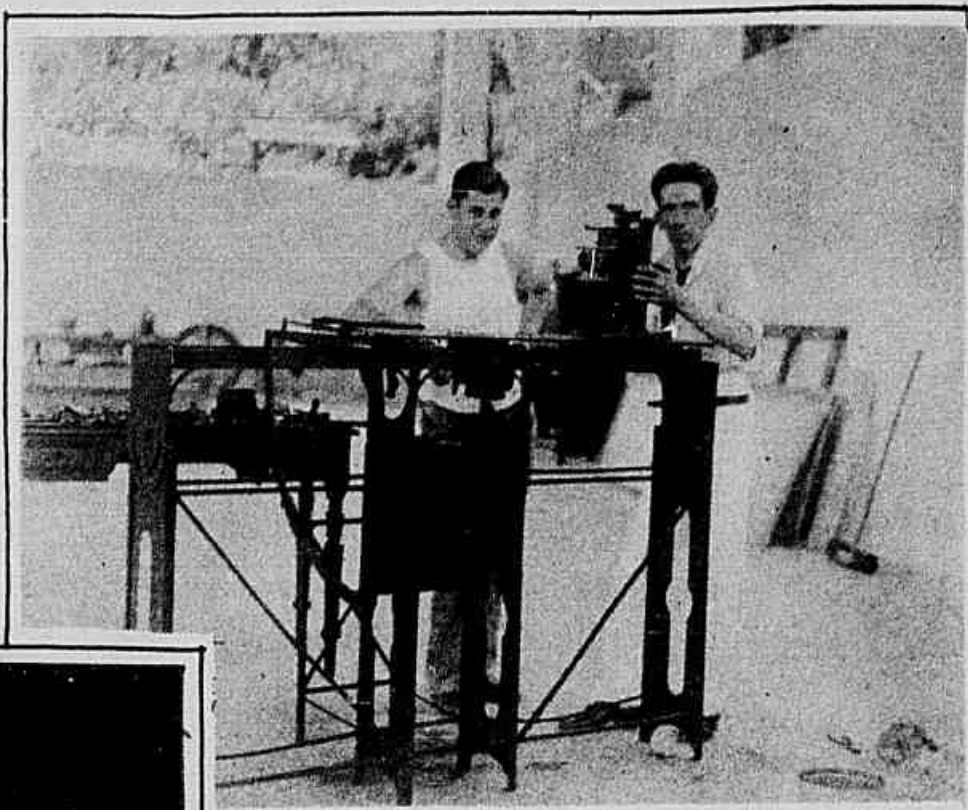
— (O) —

José Bohr produzirá, agora, por conta propria seus proprios films. "El Alegre Bandolero" será o primeiro da série. Aguentem-se, meus amigos, que emquanto lhe sobrar voz, não faltarão films...

Herbert Brenon, durante a filmagem de "Beau Idéal", tendo empregado, numa sequencia um dos cavallos de Valentino, o "Jadaan" que elle tanto estimava, declarou que tem a certeza de que o espirito de Valentino acompanhou o desenvolvimento daquella sequencia toda. Qual!... Eu tenho medo é de acabar assim...

"Gondola of Dreams", da M G M, será o proximo film de Norma Schearer. O argumento é de Maurice de Koba.

Taciana Rei, Brutus Pedreira e Raul Schnoor durante a filmagem de "Limite"

DECIO MURILLO
E HAROLDO MAURO

PAULO MORANO E O MECANICO DO STUDIO

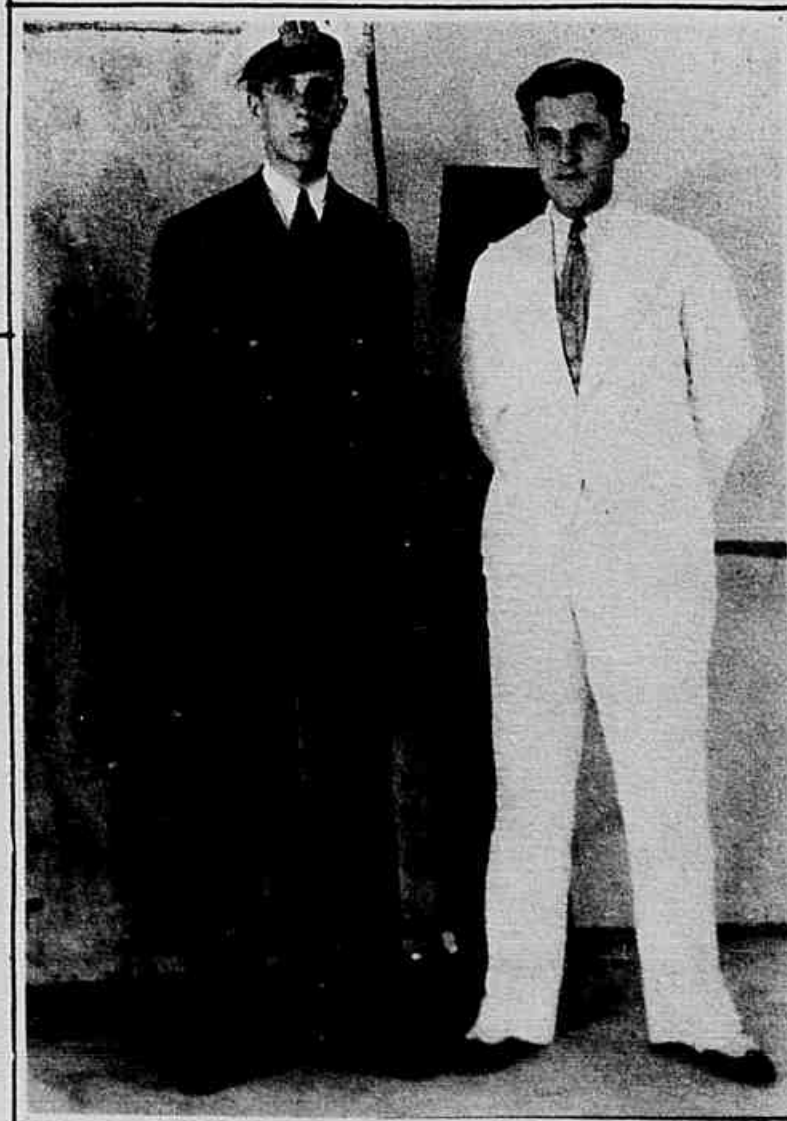
ALFREDO ROSARIO, O "TITIO" DA LELITA E DECIO MURILLO

TAMAR
MOEMA
E
MAXIMO
SERRANO

TAMAR MOEMA

DIDI
VIANA,
A' PORTA
DO SEU
CAMARIM

TAMAR, GONZAGA E MAXIMO SERRANO

PAULO MORANO E SEU IRMÃO
SYLVIO, DA ESCOLA NAVAL

NO "LIDO" RESTAURANTE DO STUDIO: DECIO MURILLO, GONZAGA, PAULO MORANO E HUMBERTO MAURO.

Não se sabe se é menina, se é moça, mulher ou boneca... E' viva, esperta, rapida de pensamentos. Parece dessas figurinhas de sonho, que os novellistas compõem para seus romances e que, um dia, surgem pela vida a mostrar a verdade das fantasias...

Todos querem bem a Didi. Porque ella é bem a figurinha que representa a amisade. As meninas a querem para companheira de brinquedos, as moças, por sua vez, para boa ami sade. E ella, embora triste, ás vezes, nunca pode esconder o seu sorriso. Sorriso franco e bom, sorriso que não abandona seus labios, com medo de que murchem e percam para sempre a alegria..

A's vezes, deixa os olhos cahirem no abysmo da scisma. A pergunta é geral.

— Que é isso, Didi. Está triste?

Volta o seu sorriso branco e espontaneo. Larga, logo, aquillo que pensava e volta para alegrar os que pensaram que ella estava triste...

Tivemos a impressão, sincera, de que ella resumia, nos seus sorrisos, no profundo escuro dos seus olhos, um romance, bonito e cheio de aventuras, com principes encantados e princezas edormecidas. Depois... Vimos que não. E' genio seu. A sua historia... E' simples. Nada de reticencias, phrase que não termina ou cousa parecida. Apenas juventude, mocidade, dentro de um coração immensamente desejoso de ser artista. E um dia, seu sonho foi satisfeito, mas com elle uma lagrima: deixar quasi todos os seus, sua terra natal, seu habitos singelos, para se affeiçoar á arte do seu coração. Só isso.

Agora fomos ouvir a nova Didi Viana. Depois dos muitos mezes de experiencia no Studio, com novos pensamentos. Todas as suas palavras sahiram do fundo da sua alma, espontaneas, sinceras. Não forjou, falou, apenas. Parecia conversar com os leitores, com seus *fans* ou como se fossemos velhos amigos.

As suas palavras aqui impressas, sahiram, como bolinhos, quando vêm do forno: quentinhas e gostosas, bem do coração de Didi Viana... E' preciso mais?...

— Não foi por vaidade nem futilidade que decidi entrar para o Cinema. Acceitei o convite com a maior naturalidade deste mundo. Ingenua, mesmo. Era uma das pessoas que lia CINEARTE em Ipaussú e, como toda moça, gostava de Cinema. CINEARTE era um passatempo e uma curiosidade maior. Gostava, muito, de ligar o drama das biographias dos artistas aos que elles mesmos representavam na tela... No interior, não sei porque, parece-me que a gente é mais Brasileira e eu apreciava tanto as photographias dos nossos films!. Eu achava que figurar numa fita Brasileira, era a mesma cousa que representar no theatrinho de amadores de Ipaussú. Parecia-me um Cinemazinho de casa de amadores. Tinha vontade de ver como appareceria a minha cara no Cinema. Já não me interessavam mais aquelles dramalhões profundos, tão engraçados, que eu ás vezes representava. Quando cheguei ao Rio é que vi o passo que tinha dado. A responsabilidade era maior do que eu pensava, mas não podia voltar, já tinha assumido um compromisso. Tinha dado, além disso, uma entrevista em São Paulo e outros jornaes de minha terra me receberam com enthusiasmo. No dia seguinte da minha chegada, fui logo filmada numa *prova* e depois de dois dias já tinha eu começado o film. Não podia recuar. Tive boa recepção, mas não sei porque, achava o ambiente estranho para mim. Parecia que sonhava. Tive muitas decepções, sou franca. Tinha vindo de tão longe e, entretanto, muita gente disse que eu morava aqui, mesmo, num suburbio qualquer... Mas fui comprehendendo o Cinema do Brasil e fui-me enthusiasmando. Apesar de facil, tudo era mais difficil do que eu pensava. Tudo era levado mais a serio do que eu julgava. Hoje, prezo muito mais a minha carreira. Tenho orgulho de dar o meu concurso ao nosso Cinema. Comprehendi a sua importancia e a nobreza da sua iniciativa. Não é patriotismo tolo. Já é, pelo menos, um capricho moral ao ver um ideal tão bonito ser recebido com tanta incredulidade. Acreditem ou não, mas é para os fans que eu falo: — O Cinema do Brasil é uma causa bonita e vencedora. Estou muito satisfeita com a minha carreira e acho que o Cinema do Brasil é um emprehendimento sério.

A estrella de "O preço de um prazer", da Cinédia.

DIDI...

Ha uma cousa que me entristece bastante. E' ver como se encara o problema *ser artista* no Brasil. O máo juizo que fazem de uma moça que trabalha no Cinema. Fui convidada, acceitei sem saber o passo que ia dar, mas não me arrependo mesmo porque vim de tão longe exactamente para a realisação de meu ideal. E Cinema é uma attribuição como outra qualquer. Muitas amiguinhas minhas, professoras, deixaram seus lares muito longe, no exercicio de sua profissão. E o nosso Cinema aliás não pode ser uma escola para o Brasil? Uma escola que eduque e instrua, divertindo? Eu mesma, já trabalhei como dactylographa, ajudando meu pae que, aliás, preciso dizer de passagem, deu todo apoio á minha carreira, depois de informar-se sobre o ambiente do nosso Cinema, no qual me deixava.

Acreditem ou não, hoje estou muito mudada. Penso differentemente. Pensei que podia ter os *flirts* de toda a moça. Depois, entretanto, verifiquei que como artista de Cinema não tinha esse direito sem que soffresse os effeitos de uma terrivel maledicencia. Mas hoje tambem já penso de outra forma e não encontro mais prazer nos *flirts*. Estou, sinto-o menos futil. E dizer-se que esta transformação se deu dentro de um studio e numa cidade, como o Rio de Janeiro calumniosamente julgada perigosa...

— O facto é que muita moça me vem dizer que inveja a minha situação por causa dos beijos que recebo! Só me perguntam afflictas, se já fiz alguma scena amorosa. Entretanto, nunca fiz uma scena de amor e meus labios ainda estão sem beijos...

— Penso, sinceramente, que uma moça não perde sua distincção porque trabalha em Cinema. Eva Nil e Tamar Moema, por exemplo, são duas moças distinctas. E nunca foram beijadas, na téla. E quantas artistas brasileiras que já foram beijadas na téla estão noivas e bem casadas! E' uma das cousas que me entristece e gostaria de pedir as minhas admiradoras que se não pretendem entrar no Cinema, ao menos não permittam que se faça tão máo juizo de nós. Sempre vou acompanhada ás filmagens e sempre volto para casa. Cercam-me do maior respeito e com todas as attenções. Admiram-me, respeitam-me e estimam-me como se fosse das suas familias! Encontrei na Cinédia magnificas amisades e todos têm sido muito bons para mim. As senhoras de Humberto Mauro e Octavio Mendes, são minhas amigas. Ao lado da familia de Paulo Morano, igualmente, encontrei o carinho affectuoso de sua irmã, uma das minhas muito estimadas amiguinhas e, tambem, as irmãs do Gonzaga que se interessam, além disso, pelos meus vestidos de filmagem, numa gentileza sem par. Todas amisades distinctas e excellentes.

— Sinto-me considerada por ter abraçado o Cinema do Brasil. Não sei, francamente, se nas outras companhias existentes, é a mesmas cousa. Sei, apenas, que o Cinema Brasileiro que a *Cinédia* faz e á qual pertenço, é rigorosamente decente e, ella mesma, parece uma grande familia, unida e boa, que só vive por um ideal, sem permittir que se misture, ás bonitas qualidades que tem, uma só desillusão.

Ao lado de minhas companheiras de filmagem, tambem encontrei a melhor amisade. Por tres vezes encontrei-me com Lelita Rosa, em filmagens. A sua camaradagem, o modo delicado com o qual aperfeiçoou minha maquillage e me instruiu em detalhes technicos ainda obscuros para mim, fizeram-me sua maior admiradora. Lelita é tão boazinha! Decio Murillo, o galã com o qual trabalho em *O*

(*Termina no fim do numero*)

BESSIE LOVE

Traducção. Amor á bessa. E' velho, mas é verdade

Richard ARLEN

Hollywood tem a mania de mudar as pessoas que moram nella e isto, ás vezes, é uma cousa curiosa, realmente. Richard Arlen, que, antes de entrar para o Cinema era Richard van Mattimore, é um desses individuos que Hollywood mudou, radicalmente.

A historia da transformação de Richard é das mais curiosas, das mais interessantes.

A sua entrada em Hollywood ,foi o de umhomem amargurado, cynico, sem illusões. Antes de alcançar Hollywood, apesar da sua mocidade exuberante, já a vida lhe tinha ensinado o que eram desillusões. Além disso, elle não acreditava em ningum e em si proprio não tinha a menor confiança.

Antes de completar vinte e um annos, Richard casara-se, divorciara-se e era pae de uma pequena de poucos annos. Seu casamento fôra uma tremenda amargura, um soffrimento continuo para elle, para a esposa e para a pobre filhinha, tambem. Uma dessas desgraças que só se reconhecem depois de feitas. E, bem por isso, faltava-lhe o animo para o que quer que fosse. Sua familia, além disso, conservadora e educada em principios de uma rigidez inflexivel, não supportava suas idéas e seus devaneios mais ou menos fóra dos limites de caracter que elles queriam marcar para elle. Achavam, por exemplo, como muitas outras acham, igualmente, que uma carreira de artista é uma vergonha. E não arredavam pé disso.

Muitas das vezes, prolongadas e exquisitas que eram as ausencias de Richard, elles nem chegavam a saber aonde elle se achava. A's vezes elle voltava e, para elle e para os outros, recomeçava o martyrio dos maus entendimentos e das discussões sem fim.

Richard Arlen era extremamente infeliz, esta é que é a verdade.

Seu casamento foi um erro. Com o seu typo e o seu temperamento, elle devia ser o ultimo homem do mundo a tentar a sorte de matrimonio que tentou. Uma familia como elle construiu, errada desde o primeiro passo, não podia gosar felicidade, evidentemente. E se o casamento fracassou, não foi culpa nem delle e nem della. Ambos cooperaram.

Tudo quanto elle tentava, além disso, era fracasso garantido. De cidade para cidade e de negocio para negocio, tentava elle a todos e nenhum lhe parecia servir ou agradar. Dos escriptorios mais complicados ao proprio campo, para lavrar, andou elle desesperado e desesperançado. De uma feita, depois de alguma feita, ganhou bom dinheiro. Em Texas ou Oklahoma, já não nos lembramos bem. Mas gastou-o com uma vertiginosa rapidez, com uma loucura, uma furia que só mesmo num individuo amalucado seria concebivel. E, nesse constante caminho de extravagancias e maluquices, veiu elle ter á California e, depois, a Hollywood. Era a ultima etapa.

A principio, jamais pensou elle em entrar para o Cinema. Emquanto seu dinheiro durasse, mesmo, não procuraria elle emprego algum e apenas gosaria a vida e apagaria as maguas e as lembranças amargas da sua vida passada... E, numa indolencia entorpecente, passava elle dias e mais dias da sua existencia inconsequente. Da tarde á manhã do dia seguinte, eram festas e **farras** que não tinham mais fim. Uma vida de bacchanaes e de deboches que elle mesmo não sabia porque é que cursava.

Uma casa que elle alugou, passou a ser o ponto de reunião de alguns elementos de Cinema, **extras**, na maioria e, durante a noite **farristas** como elle, igualmente. Na casa de Mattimore, afinal, sempre havia comida e alguma cousa para beber... Até durar o dinheiro. Richard teve bons amigos em Hollywood. Depois que se viu sem um só centavo, não encontrou um só amigo e só viu um caminho a seguir: o **guichet** dos **extras** do mais proximo Studio...

Era esta a montagem da vida de Richard Arlen, quando começou a tentar o Cinema.

A ambição não o perturbava e nem lhe fazia mossa. Era, geralmente, o primeiro **extra** que chegava aos **guichets** e, tambem, o **primeiro** que sahia... Era uma grande expectativa, uma constante esperança e um eterno desanimo. Emquanto esperava sua vez, Richard costumava sentar-se a um canto qualquer do Studio e dormia. E, depois disso, fazia apenas o que lhe diziam e não sahia disso. De uma feita, apanharam-no para **extra** de uma scena de um film de Bebe Daniels. Fez o que lhe mandaram tão mal, tão irritantemente, mesmo, que o director lhe gritou, num impeto, com brutalidade: — "Suma-se, seu cretino! Vá ser mau artista no diabo que o carregue!!!". Nesse instante elle arrancou a roupa que trajava e, antes que alguem pudesse intervir, atirou-a elle, com violencia em cima do director que assim o insultava com tamanha estupidez.

Dahi para diante é que a admiração de Richard Arlen por Bebe Daniels cresceu. Porque naquelle instante, quando o viu assim humilhado, Bebe correu atraz delle e lhe disse, pondo-lhe a mão sobre o hombro: "Vamos! Não tenha desanimo!" E foi depois disso que elle passou a rezar para ter mais uma opportunidade num dos films de Bebe Daniels. Foi a sua primeira ambição, mesmo no reino do Cinema.

Era o começo da metamorphose do mau caracter de Mattimore a sua transformação em Arlen, um rapaz de bons costumes. Depois disso, apaixonou-se. Mas uma paixão immensa, sincera e perfeita, por uma das pequnas que tambeem tinham nome no Cinema e que era justamente o typo de mulher que sempré sonhara para sua esposa. Chamava-se ella Jobyna Ralston.

A principio, ella não amava Arlen Nem um pouco, mesmo. Apenas sentiase attrahida para elle. Uma tarde elle chegara a sua casa com um grupo de amigos e amigas della e, assim, conhecera-o. Achou-o cynico, um tanto ou quanto leviano e muito dado a piadas. Era sympathico e bonitão, com certeza. Dahi para diante é que o amor foi crescendo, dentro de ambos, até realizarem, afinal, aquillo que era o sonho de ambos.

Foi Jobina, mesmo, que mentalmente enthusiasmou Richard e o incitou á luta. Ella riu-se da sua falta de ambição. Caçoou da sua inercia. Encorajou-o, por todas as maneiras e insistiu para que elle lutasse com fervor e vontade. Foi a sua theoria que o fez tomar gosto pela vida e ter interesse por alguma cousa acima do copo de **whisky** que infallivelmente bebia, diariamente e que ella tambem fez com que elle deixasse...

E foi a Bebe Daniels, mesmo, que Richard procurou se apegar para conseguir o successo que ia tentar com vontade, agora.

A Paramount preparava, por essa occasião, um espectaculo especial, que se chamaria **Asas** (Wings) e já começava a escolher o elenco, entre as figuras de Hollywood. Elle já tinha figurado em outros films menos importantes. Seria, aquelle, o maior film da Paramount. Havia, naquelle film, um papel que Richard ambicionava mais, no mundo do que tudo, excepto sua Jobyna Ralston. Estivemos em companhia de Richard, justamente na tarde em que elle tirou o **test** para o referido papel. Estava nervosissimo e mostrava-se desanimado. Foi para o **bungalow** de Jobyna e lá, num profundo estado de prostração, ficou esperando apenas o telephone chamar. Era, mesmo, a unica cousa que lhe interessava, naquelle momento. O resto da historia é conhecido. Elle conseguiu o papel e, depois disso, de successo em successo tornou-se o que hoje é: **astro** da constellação Paramount. Além disso, casando-se com Jobyna, passou a ser, tambem, o que os outros chamam de **typo do homem de familia...**

Não acham que Hollywood é caprichosa?

Por que é que ella pega assim com tanta facilidade um homem que apparenta cynismo e o transforma em vehiculo de bondade e caracter, só para mostrar aos outros que Hollywood não é cidade de perdição e, sim, ás vezes, **collegio** aonde se reformam até caracteres?...

— (O) —

Erich Von Stroheim iniciou a versão falada de **Blind Husbands**, para a Universal, primeiro film do seu novo contracto com esta fabrica, a qual foi a primeira para a qual já dirigiu.

CARLOS RODRIGUES (Baurú) — Recebi suas photographias. Aguarde sua opportunidade.

GILBERTO SHEARER (Porto Alegre) — Peço-lhe escrever á gerencia e informar-se a respeito. Rua da Quitanda, 7. Espero, no emtanto, que envie seu endereço, o que não fez desta feita. Os numeros existem, sim.

I. A. DA SILVA (Alegrete) — O Album sahirá por estes dias, proximo ao Natal. O endereço de Billie Dove é difficil de se obter, presentemente, porque ella se acha sem contracto e assim, não tem endereço fixo. Experimente First National, Burbank. Cal.

C. B. OTTONY FILHO (Rio) — Nada sei desses films. Alguns já foram; outros, aguardam occasião. Seus votos são bem recebidos e por elles lhe agradeço.

GERALDO (Rio Claro) — Sobre os numeros, escreva á gerencia, rua da Quitanda, 7. Elle não continua no Cinema, não. Didi Viana, **Cinédia Studio,** rua Abilio, 26, Rio.

GELY NOMARA (Rio) — Não se acanhe e nem se enerve. Não me encontrará na redacção. Eu costumo trabalhar longe della, em minha propria casa e... os annos de vida já não me permittem longas caminhadas. Encoraje-se, sim! Não ha mysterio algum, Cely, apenas a dose necessaria. Sobre as desgraças, não se assuste, não. E' cousa sem importancia, mas que deve ser cortada pela raiz para não produzir ferimentos maiores. Diz que está pondo em pratica. Quer dizer, então, que tem sido calma? Muito bem! A phrase que não comprehendeu bem, é esta: está mais considerada do que pensa, sim. Isto é: mais olhada para um papel do que você mesma pensa. Entendeu? Sua opinião sobre o film é interessantissima e das melhores que temos recebido. Confesso, surprehendi-me com ella e achei-a esplendida. Appareça quando quizer, Cely, que será sempre bem recebida.

A. SOUTO (S. Antonio do Monte — Minas) — Recebi as photographias. E' uma questão de opportunidade, repito, mas estando aqui no Rio sempre é mais facil. Não se localise aqui, no emtanto, sem ter sua collocação, porque, embora o Cinema já possa auxiliar, ainda não pode ser meio de vida e, principalmente, no caso presente, quando ás vezes um typo esplendido, até, espera longos mezes. Mas tenha perseverança e confiança no seu futuro. Tudo o que me conta é muito interessante.

J. C. FRANCO (Villa Americana — S. Paulo) — A sua confiança e o seu ardor são admiraveis. Mas tenha calma e não faça nada com arrebatamento. Mande suas photographias para a redacção, rua da Quitanda, 7.

Lia Torá, Juan Torena e Lucio Villegas em "Evidencia"

Não deixa esta mulher chorar!

Edwina Booth

é outra da Hollywood nova...

Com Edwina sempre toca a nossa vez de soffrer.

VOCÊ E' LINDA MESMO, KAY
EU NÃO GOSTAVA ERA DAQUELLE SEU CABELLO DE HOMEM...

Kay Francis nova..

DE CABELLOS E VESTIDOS PRETOS, TODOS GOSTAM...

Quem não gosta de Jean Arthur?...

As primeiras palavras que me disse Jean Arthur, quando a procurei e lhe fui apresentado, no Studio, foram sinceras.

— Minha vida?... E' muito longa. Ha tanta cousa para contar e tão triste... Palavra, ás vezes eu prefiro não traçar a minha propria biographia.

E nas palavras, quando disse isto, poz uma inflexão triste e sincera que traduzia todo o pesar que, de facto, lhe cousavam cousas que lhe haviam occorrido no passado.

Ha seis annos que Jean Arthur se acha em Hollywood. Quando chegou, trazia, de New York, a fama de ser um dos modelos de modas mais em evidencia e dos mais interessantes, igualmente. E, assim que chegou, foi posta sob um contracto de um anno com a Fox.

Bonita, exquisita, distincta, toda enfeitada pelo seu narizinho differente e exquisito, cheia de sympathia que invade e conquista, Jean, entretanto, não foi feliz com o principio da sua carreira.

— Fui menos do que extra com este primeiro contracto. Quando elle terminou, um anno depois, a Fox deu-me a paga: um pontapé. Não os podia culpar, entretanto. Eu propria achava-me terrivel...

Depois disso, de fabrica em fabrica, Jean arranjava para o seu sustento, e de comedias de pastelão a film de **cow boy**, tudo ella fez para conseguir viver e sustentar-se decentemente em Hollynos e curtos fez, tantos, que, afinal conseguiu um papel. Dahi para diante, fez-se ella popular entre as companhias e periodos houve, mesmo, em que ella chegou a fazer tres papeis em tres films differentes, durante um só mez... E tantos films pequenos e curtos fez, tantos, que, afinal conseguiu ella chamar a attenção da Paramount, embora ella photographasse de maneira extremamente parecida com Mary Brian.

O seu primeiro film para a Paramount, foi "Warming Up", ao lado de Richard Dix, que lhe trouxe uma onda de bôos criticas e que a encaminhou para um papel importante em "Sins of the Fathers" (Peccados de Paes), ao lado de figuras como Emil Jannings, Ruth Chatterton e Barry Norton. Depois deste, conseguiu ella, finalmente, um contracto maior e mais vistoso com a Paramount.

O film que fez aeo lado de Clara Bow, mesmo, "Uma Pequena das Minhas" (The Saturday Night Kid), noticiaram os criticos, unicamente que era della e não da "estrella". Roubou-o. Todos os films que fez, depois disto, eram caminhos seguros para o cargo de "estrella", se não fosse o fracasso tremendo de "Aguias Modernas" ("Young Eagles").

Quando este film se exhibiu, os chronistas não se referiram a nada e muito menos ao seu trabalho.

— Mas os artistas importam-se, mesmo, com o que dizem os chronistas?

Perguntámos-lhe:

— Talvez não. Ou fingem que não, o que é mais razoavel... Depois que li os commentarios que fizeram desse **Aguias Modernas** no **Los Angeles Times**, morri por diversas semanas.

— Morreu ou chorou?

— Morri. Morri, sim!!! Queria, confesso, que esse film fosse mais um marco vencido na minha carreira, alguma cousa que se assemelhasse a **Uma Pequena das Minhas** ou **A Caminho do Céo.** Trabalhei para aquelle film com todo meu enthusiasmo, com toda minha loucura. Foi por isso que senti uma profunda desillusão, um profundo desgosto quando constatei o seu tremendo fracasso.

Não foi sua culpa. Qualquer um, no Studio, sabe, perfeitamente, que o "cutring room" (sala de corte) é que fez a obra sinistra...

— O que eu temo, disse-me ella.

— E' que me levem, de novo, para os papeis de menininha ingenua e despreoccupada... Não quero mais fazer papeis assim. Digo esses papeis de pequena ingenua, pura, immaculada, mesmo ao collo da qual o galã encosta a cabeça, no "fade out" final... Quero papeis caracteristicos. Cousa mais puxada, mais forte. Sinto que farei bem alguma cousa dramatica, violenta. Veja bem o meu rosto. Um rosto, e nada mais, não acha?... Quasi protestei. Mas não era hora para galanteria...

— Vamos, não seja attencioso e diga que não. Não tenho illusões a meu respeito. Sei que não sou feia, mas sei que não tenho nenhuma belleza esplendorosa. Quero papeis que necessitem da transformação da minha personalidade em outra differente e completamente diversa. Mary Brian, que é lindissima, pode ser essa heroina romantica, que todos sonham e sempre querem ver. Ella é realmente linda. Mas eu sei que não sou e, por isso, quero que me dêem alguma cousa mais puxada e mais caracteristica. Prefiro papeis antipathicos, mesmo antipathicos. Se eu fosse o que Colleen Core foi em "Amor, Destino e Honra", (So Bib), eu seria capaz de beijar a sola dos sapatos do homem que me conseguisse esse papel, tanto eu o amo! E sei que o faria ás maravilhas, sei!

Ella não é sufficientemente temperamental e nem ousada para chegar aos productores e dar idéas. Queria, confessa, que sua presença, no Studio, fosse sentida quanto é a de Nancy Carroll, por exemplo, mas sente que os seus patrões fazem até força para alugarem-na a outras fabricas, de preferencia...

No Studio, Jean Arthur é uma das figuras mais estimadas. Ella é delicada com todos, attenciosa e meiga e não mostra o menor vislumbre de convencimento ou **pose.** Talvez por isso mesmo é que seus chefes tampouco prêsam os seus valiosos meritos de artista.

Ella prefere figurar em films de William Powell e Paul Lukas do que em films de mocinhos. Acha que estes são homens que a inspiram e a fazem trabalhar com maior enthusiasmo.

— Sinto-me mais velha do que Charles Rogers e é por isso que prefiro os homens mais...

— Adultos?...

— Não. Maduros... Charles Rogers é um menino que vale ouro, um dos mais humoristicos que tenho encontrado, tambem, mas não gosto de trabalhar com elle, confesso. A creatura mais estimulante para se trabalhar junto, é Clara Bow. Ella parece que tem electricidade. Sua energia é uma cousa que não permitte a ninguem sentir a canceira do trabalho. Depois, além disso é generosa ao extremo. Ella pouco se importa que uma collega ou o galã lhe roubem uma ou outra scena. Até ajuda para isso e mostra-se extremamente collega.

Ha cerca de um anno, mais ou menos, o casamento de Jean Arthur e Julian Anker foi annullado. Abordando este assumpto com a maior delicadeza, perguntei-lhe:

— Jean. Os seus "fans" admiram-se de se ter desfeito seu casamento que parecia feliz...

Ella toldou a physionomia e, triste, quasi, respondeu:

— Diga-lhes, meu amigo, que reservo este assumpto para a minha vida particular, se me permittem...

Vendo que o ataque directo fôra cruel e havia maguado a sua sensibilidade, procurei ataque por via mais agradavel. Fiz-lhe ver, com palavras calmas e sensatas, que mais valia falar a verdade, para que todos soubessem, do que deixar que nos espiritos dos seus admiradores persistissem as idéas que as noticias dos jornaes mentirosamente haviam espalhado. Ella me respondeu com segurança, sempre:

— Não ha muita cousa a contar, creia. O que houve, apenas, foi um erro da minha parte, uma infantilidade sem consequencia e de consequencias graves, como viu. Comprehendo hoje o meu erro. Quiz, na época em que se imprimiram aquellas noticias falsas e canalhas, desdizer aquillo tudo e provar a mentira infame. Além disso, a Paramount nada tinha a ver com a minha annullação de casamento. Casei-me com um homem que amo até hoje. Tudo quanto disseram, da nossa separação, foi mentira da mais baixa e eu quiz responder pela imprensa, mesmo. Mas os meus chefes acharam que

(Termina no fim do numero)

Já viu o "Cinearte Album" de 1931? Está um assombro!

FILM WARNER BROS.

AHAB . . . . *JOHN BARRYMORE*
FAITH . . . . *JOAN BENNETT*
DERECK . . . . *LLOYD HUGHES*
O negro buddhista . . *NIGEL DE BRULIER*

1838. New Bedford, com as suas exquisitices de porto de mar, com a sua vida triste e monotona e com os seus dramas tremendos... Uma cidade praieira com a tragedia dos seus dias todos, trabalhados, sempre e sempre, pela desgraça dos que partiram e que não voltam mais e dos que ficaram e que não mais se conformam... Toda a vasta extensão do caes regorgitava de gente. Dir-se-ia que uma immensa alegria, uma grande festa enchia aquelles corações. E havia, certo, razões para tanto jubilo. E' que após tres longos annos de ausencia a escuna "Mary Ann" voltava de uma menos feliz pesca de baleia...

Mal a embarcação encostou, seus tripulantes, tontos de alegria, foram pulando em terra já ansiosos por encontrar o doce conchego do seu amor e a sua felicidade de cujos dominios tão longe andaram, cercados de mil perigos...

Mas um homem havia, entre aquellas dezenas de bravos, que saltava a terra sem esperar a gloria de um carinho! Era Ahab, um joven pescador com experiencia de velho lobo do mar, ali nascido e ali martyrisado pelas illusões mais duras e pelos mais duros desenganos!... Descendo da escuna e avançando, entretanto, Ahab teve aos olhos uma grande surpresa: o seu irmão Derek, o braço dado a uma linda e deliciosa loirinha, a adoravel Faith!... Braços abertos correu para Derek, apertando-o com carinho e afogando no grande abraço toda a saudade daquella longa ausencia!...

\+ + +

Desde o primeiro instante Ahab sentiu uma estranha, uma profunda emoção pela belleza de Faith. Uma, duas, tres horas decorreram sem que pudesse afastar do pensamento aquella imagem meiga que se lhe firmara, para sempre, no fundo do espirito. Em vão Derek, o irmão, fez-lhe vêr que aquella loirinha era sua namorada e ia ser sua esposa. Em vão..

Pelo proprio Ahab a esqueceria ou,

pelo menos, recalcaria no amago do coração a paixão immensa. Mas quem animava aquelle amor, quem lhe insufflava as chammas intensas, era a propria Faith que sem resistir á fascinação da sympathia de Ahab rompia os laços do seu amor com Derek para voltar-se, doida de ternuras, para o outro!... E isso mesmo, crepitando de emoção ella propria correu a dizer a Ahab, na hora em que a escuna levantava velas para partir, de novo para a luta tremenda de pescar baleias... Doido de alegria Ahab envolveu-a nos mais doces carinhos perguntando-lhe se ella o esperaria, fiel, para realizarem o mais ditoso dos casamentos!...

— Esperas-me, então?

— Sim, nem que seja por toda a vida?

— Ser-me-has fiel?

— Sempre...

\+ + +

MOBY DICK!...

Só a simples enunciação deste nome fazia tremer de pavor os pescadores!... E' que "Moby Dick" era o nome da mais poderosa e da mais terrivel de todas as feras do mar e conhecida, de modo inconfundivel pela alvura do seu costado e cabeça e, ainda, por suas ilhargas perfuradas a harpão pela mão de homens que já haviam morrido. Por isso a "Moby Dick" era um verdadeiro mytho para aquelles pescadores...

Tres dias já se haviam passado sobre a partida da "Mary Ann" e a escuna navegava mansamente quando Ahab, lá do alto do mastro, do seu posto de vigia, deu o grito de alarme:

— Baleia á vista!...

Com a agilidade de um gato Ahab arriou-se do mastro e com presteza rara armou-se do seu harpão, baixando ás aguas em fragil embarcação, com quatro companheiros decididos. Um a um outros tres barcos desceram, avançando todos quatro. Em pouco Ahab se acercava do monstro marinho, soltando, logo um grito:

— E' a branca!... E' a "Moby Dick!..."

E, a seguir, desferiu o golpe tremendo com o harpão que foi cahir em cheio no costado da fera do mar, perfurando-o. Ferida, a colossal baleia estorceu-se toda numa violencia, arrastando de roldão o barco, e alcançando Ahab e devorando-lhe a perna direita, num atomo!... Salvo a custa pelos companheiros Ahab foi levado para bordo e ahi medicado!... Ferro em brasa foi-lhe applicado na chaga immensa!... E elle supportou o soffrimento atroz e brutal, desesperando-se mais pela dor moral que o pensamento da mulher amada lhe provocava do que mesmo pela dôr physica da ferida queimada a ferro em brasa!...

\+ + +

Quando a "Mary Ann" regressou, Faith correu, ansiosa, ao caes. E estranhou que Ahab não apparecesse lá no alto do mastro ou no convez, ansioso de pular em terra sofrego dos seus beijos e dos seus carinhos!... O barco encostou e já toda a sua tripulação ganhava a terra, repartindo beijos entre os seus e matando velhas saudades entre todos... O coração presa de uma emoção intensa, mil presentimentos lhe ennevoando o cerebro, Faith galgou o bojo da escuna e foi encontrar lá em baixo, no

porão, o bem querido!... A' primeira emoção de alegria seguiu-se violenta, estupida, apavorante a emoção desesperadora da realidade que lhe mostrava o homem querido, mutilado!... Desesperada, sem comprehender mesmo o que fazia, Faith deitou a correr deixando o noivo aturdido pelo imprevisto da sua attitude!... Tudo elle esperava do mundo. Em sua vida agitada tudo soffrera e tudo podia vir a soffrer — menos aquelle vexame, aquella humilhão cruel e tremenda que a mulher querida acabara de lhe infligir!...

\+ + +

"Moby Dick"!... Era agora o alvo dos seus odios, a razão de ser de todo o seu desejo de viver!... Com que carinho o bravo pescador alimentava o ardente desejo de vingança que lhe ardia no peito contra a féra brutal que lhe roubara a perna e, agora, o amor!... Só a idéa de que um dia viria a realizar a sua vingança — o consolava!... E esse consolo balsamico ia ao extremo delle proprio renunciar ao amor de Faith mesmo quando ella lhe mandou um emissario, o proprio irmão Derek, dizer-lhe que estava disposta a cumprir a palavra dada!...

Compaixão? Nobreza de caracter que ia á renuncia?

Fosse o que fosse — em primeiro logar Ahab tinha de liquidar a "Moby Dick"!...

\+ + +

A vida rolou e um dia Ahab conseguiu o dinheiro bastante para comprar uma escuna. Nesse mesmo dia Ahab partiu rumo á zona das baleias, sedento de vingança. Mas o barco, sem provisões, foi forçado a aportar em New Bredford, o que encheu de revolta Ahab que mandou que a escuna desatracasse

DICK

e partisse quanto antes. Mas os tripulantes que haviam ganho a terra, correndo, se recusavam a voltar para bordo. Ahab, então, furioso, mandou que os seus homens de confiança apanhassem, a força, os marinheiros que precisava, nem que fossem os peores elementos. E, assim foi...

A escuna ia longe já, viajando sob as brutalidades de uma tempestade tremenda quando um negro budhista que acompanhava, sempre, Ahab gritou, como se o seu deus de páo lhe tivesse segredado alguma cousa: Vamos encontrar a baleia branca!... "Moby Dick"!...

Ahab demonstrando no olhar a alegria immensa que o empolgava, avançou para o negro, pedindo-lhe detalhes, novos!... E o negro sentenciou, mirando o deus de páo que apertava nas mãos:

— Dentro de algumas horas, passada a tempestade, encontraremos a terrivel "Moby Dick"!...

\+ + +

A tripulação da escuna de Ahab, em pouco, sabendo o proposito de Ahab, se revoltou. Não lhe era possivel precipitar-se no abysmo da loucura daquelle homem!... E dispostos a uma solução, extrema que fosse, os tripulantes se precipitaram contra o commandante, sendo dominados e mandados recolher ao porão. Mas Derek que se encontrava á bordo tambem, apanhado que fôra naquella noite em New-Bedford — conseguiu alcançar a ponte de commando onde se achava Ahab! Ante o irmão enfurecido Ahab procurou intimidal-o, o que não conseguiu porque Derek prostou-o com violento socco. Luta tremenda elles travaram, em meio da qual quasi Ahab tombou vencido, só se salvando graças á intervenção do negro budhista que derrubou Derek com certeiro murro, partindo-lhe a espinha e matando-o. Em pouco, ao ao tempo que sanava a tempestade tremenda que agitara o interior da escuna o temporal exterior cessava tambem. E foi num momento de silencio que o vigia gritou lá do alto da torre: — Uma baleia!... E é a "Moby Dick"!...

Num instante Ahab, com o seu perigosissimo harpão em punho, pulou para a fragil canôa de pesca avançando á frente de tres outras embarcações de igual tonelagem, contra a baleia terrivel!... Lançando o harpão, Ahab attingiu, em golpe certeiro, a sua inimiga feroz que ao contorcer-se bateu a cauda sobre a fragil canoa, submergindo-a. Mas Ahab sem largar o fio do harpão conservou-se ao lado do monstro marinho, firme, conseguindo ao cabo de esforços ingentes montar-lhe o lombo colossal e ahi cravar-lhe com furia, o estilete de que se armara, repetidas ve-

(*Termina no fim do numero*)

mensoo, a victoria da virtude sobre o vicio. Assim, no coração de um villão de coração preto e luvas brancas, a mais simples nota de sentimentalismo e bons instinctos é motivo para commoção intensa na platéa...

Ninguem, em Lowell Sherman, poderá descobrir, facilmente, o verdadeiro homem. No emtanto, ninguem o pode ver, é logico, sem pensar numa sua possivel deshonestidade. E' força do typo que elle realizou na téla, durante sua longa carreira.

Lowell Sherman, fóra do Cinema, é pouco communicativo. Prefere, do Cinema, a sua parte technica e, assim, dá preferencia a realizar trabalhos para William Le Baron, presidente da fabrica que o tem sob contracto, do que, mesmo, abrilhantar um elenco com os maneirismos da sua alma que sempre está mais polida do que unhas entregues á peritas *manicures*...

Uma cousa, sem duvida, Lowell guarda fóra da téla, tanto quanto dentro della. E' a sua sublime e irreprehensivel elegancia. E' o mesmo. Irreprehensivel, isto mesmo!

Os seus modos de encarar a vida, especificam-se pelos seus dois pratos predilectos. São elles, mesmo, o symbolo da sua existencia. Ou prezunto com ovos. Ou caviar...

Elle acha que o homem procura, na mulher, dois pontos: a feminilidade e a domesticidade. Mas para casar é a domesticidade que elle procura.

Elle approva a independencia financeira da esposa, mas não acha que seja uma cousa bôa para a estabilidade do lar. O marido, diz elle, soffre com isso alguma humilhação e apenas isto já basta para deteriorar as outras vantagens que essa mesma independencia venha a trazer. Acha, no emtanto, que qualquer mulher deve ter sempre a sua vocação. Qualquer cousa, na vida, em resumo, que possa lhe dar o sustento, em qualquer circumstancia.

Lowell Sherman, para aquelle que o observe bem, parece, mesmo, uma novella escripta por Michael Arlen...

Quando lhe perguntamos se elle era, realmente, um grande cynico, desilludido e bocejante do mundo, deu elle uma forte e gostosa gargalhada. Elle não concorda, nem mesmo para ser agradavel á uma mulher, com qualquer dos predicados que elle demonstra na téla. Cousa interessante! Lowell Sherman é o

Opiniões de Lowell Sherman

Esta narrativa poderia chamar-se, talvez. "Brincando com a Vida". Trata-se, nella, daquella figura maliciosa e suave de Lowell Sherman e da sua peculiar maneira de lidar com a vida, sabiamente, brincando, pode-se dizer... Era uma bôa idéa. Mas: "Lowell Sherman não é do amor..." vem mais a proposito, não acham?...

Lowell Sherman tem sido, no Cinema, uma figura sempre cynica, sempre deshonesta: em amores e em caracter. *Lawful Larceny*, o ultimo film em que nos appareceu e que, aliás, era dirigido por elle mesmo, tendo Bebe Daniels no rincipal papel, foi outra demonstração do que estamos affirmando...

Lowell Sherman, no emtanto, é um individuo feliz. Agora já é mais facil, para nós encarar os problemas da sua vida...

Alguem, ha tempos, commentando os seus casamentos, disse.

— Pauline Garon era justamente bôa para o que elle *parecia* ser. Helene Costello é justamente excellente para o que elle "é"...

Commentario astuto, sem duvida e bastante feliz. No Cinema, Lowell apparenta uma cousa. Na vida, é completamente differente... Ha, nelle, cousas bastante interessantes de serem observadas. Vamos tentar?...

Ha dias, quando conversamos com elle e combinamos esta entrevista, elle nos disse, em forma de pergunta.

— Ser um amante, no Cinema, obriga o sujeito a ser um outro tanto perfeito amante *fóra* do Cinema?... Foi uma pergunta que ficou suspensa aos nossos ouvidos e, assim, nada mais interessante do que ouvir, mesmo, tudo quanto elle nos teria a dizer.

— Ser virtuoso, no Cinema, meu amigo, é ser monotono. Os americanos apreciam, im-

Lowell Sherman e Frances Dade em "He Knew Women"...

typo do sujeito que ainda acredita em São Nicolau, gosta de receber presentes e seria até

(Termina no fim do numero).

DISCUTINDO, EM TERMOS SIMPLES, AS QUESTÕES DE EXPOSIÇÃO

— Olá! Estive fóra, este mez, filmando com a minha camara, e por isso não pude tornar a vel-o. Mas queria consultal-o porque tenho quatro rolos de film, e nenhum deles sahiu que prestasse.

— Mas qual é o defeito?

— Ha muitas scenas escuras e opacas, e outras claras e transparentes demais. Quasi a metade dellas está nessas condições. Ha falta de exposição por força.

— E você sabe qual a razão dessa falta?

— Sei, naturalmente, que umas exposições foram demasiadas e outras foram insufficientes, mas não sei como prevenir esses males, da proxima vez.

— Mas você examinou o seu primeiro rolo de filmagem, antes de começar os outros?

— Não; não tive tempo. Nem guardei notas a respeito. Foi o meu maior erro, porém, agora passarei a tomar notas e a examinar os films.

— Em que ponto v... ...locou o diaphragma, para a filmagem...

— Primeiro, li o... ...ções, e depois calculei um... ...da uma das condiçõe... cinzenta e escura... phragma no me... vesse tomado... res resultado... é um divert...

— De... bôas exp... nas con... de sor... ...ei ape...

... cessa- ... umpto ... ções?

... a suggerin- ... os como esse, ... errar. ... marca deverei ... agradar, depois de ... Não foi assim que ... ara e o seu projector? ... as tabellas que vêm, ás ... ara?

... assam de palliativos para ... e você terá que descobrir ... aro ou escuro, da mesma ma- ...

... eis sensibilizados para experi- ...

... servem para photographia A ... uito demorada para ser usada ... nematographicos.

... que o que você recommenda é ... ue se olha atravez de uma len- ... o. Mas não se terá que calcu- ... tado do tempo, nesses medido- ... s?

... mente. Você observa cuida- ... coisa qualquer, atravez da ob- ... dor. E no momento em que ... desapparece, você nota si a ... ra ou escura demais.

... são esses medidores de exposi- ...

... A Bell & Howell tem um, ... ro, a Lios tem outro, a Hugo ... arto, e o ultimo é o da Zeiss ... productos de companhias mui- ...

... e você me diz sobre esses me- ...

... ançou os seus no mercado, ha ... annos. O "Cinephot" e o "Dremophot" para camaras cinematographicas de marcas differentes, e o "Justophot" para camaras photographicas. As instrucções dirão como usal-os. Mas ha outras coisas que é preciso recommendar aqui. E' necessario ajustar o medidor para a propria vista do observador. Fazer esse ajustamento tal como se faz o foco de um telescopio, e deixal-o focalizado, assim que elle estiver em foco. Se acaso emprestal-o a alguem, note primeiro e corrija a focalização, antes de tornar a usal-o. O melhor será fazer uma pequenina marca, na escala, no ponto em que o medidor fica focalizado para a sua propria vista, de modo a poder voltar ao foco rapidamente. Outro ponto. Esse medidor é construido sobre o principio "do primeiro apparecimento". Não convem ler as indicações logo á primeira operação. E' preciso repetir essa operação uma, duas e mais vezes, até se ter a certeza de que a imagem apparece á primeira vez. E não se usa o annel do medidor como quem está dando corda num relogio, mas muito cuidadosamente. Ainda outro ponto. Se você esteve mergulhado num ambiente de luz muito brilhante, e deseja usar o medidor, descance primeiro a vista, antes de effetuar a operação e proceder á leitura do indice na escala.

Carlos Alves Gadelha, um dos nossos amadores mais enthusiastas, e um dos que se lançaram, junto com Castor Victorino Coelho, a formação da A. B. C. (Amadores Brasileiros Cinematographicos).

O "Drem Cinophot" introduzido no mercado brasileiro pela Kodak, ha quasi um anno.

CINEMA de AMADORES

(De SERGIO BARRETO FILHO)

O "Correctoscope" de Hugo Meyer appareceu depois. Trata-se, ao mesmo tempo, de um instrumento para corrigir o foco e de um medidor de exposições. Vamos, porém, deixar á parte a questão do foco e falar sómente das exposições. Aqui, as instrucções dirão ainda como usal-o. Para se ler a indicação é preciso levantar a alavanca que colloca o vidro azul em posição. Ao preparal-o para a nossa propria vista, é preciso desatarrachar-se um pequeno parafuso, e collocar-se a lente em foco com a nossa vista tal como se faz com um binoculo de theatro. E é preciso repetir essa operação, se acaso o medidor foi emprestado a alguem. A operação de fazer com que as imagens appareçam, da obscuridade completa para a luz, depende apenas de um toque com o indicador, e dahi a necessidade de um treinamento especial dos dedos, principalmente do indicador, antes de usar esse genero de accessorios para o amador.

A Bell & Howell introduziu recentemente no mercado um "photometro" que trabalha por meio de um filamento incandescente alimentado por uma bateria de pilhas seccas. Com este apparelho, é preciso ajustal-o frequentemente á propria vista, devido ás variações na potencia da bateria. Ha tambem uma instrucção para a renovação dos elementos da bateria. Ao fazer-se o ajustamento preliminar, move-se o annel na direcção em que o filamento se extingue *gradualmente*, e não na direcção em que elle desapparece *subitamente*.

De outro modo, o erro será enorme. No momento do filamento "extinguir se", continua-se movendo o annel, muito devagar, para a direita e para a esquerda, até que se veja o filamento oscillar através do assumpto cuja exposição se pretende determinar, e desapparecer ou "immergir" na imagem focalizada. Essa operação deve ser realisada mais com a attenção nos ultimos planos da imagem, do que no proprio filamento.

O "Diaphot" Zeiss não necessita desses ajustamentos preliminares, e é construido sobre o principio do "desapparecimento dos detalhes sombrios". Serve tanto para camaras photographicas, como para camaras cinematographicas. E não requer cuidados, além de ser pequeno no tamanho.

O "Kinometer" Lios só se encontra no mercado americano. E' construido sobre o principio do "desapparecimento das cores", e não se vê propriamente a imagem através do apparelho, como acontece com o "photometer", o "Correctoscope" e o "Diaphot". Como se dá com os productos Drem, o observador tem que prestar attenção ás mudanças no campo de visão, as quaes se operam no interior do tubo. Aqui, não ha recommendações particulares a ajuntar ás instrucções que acompanham o apparelho, a não ser que esteja certo de que essas instrucções são para o "Kinometer" e não para o "Actinometer", que é construido para as camaras photographicas.

— Bem. Mas em vista de tudo isso, qual deverei eu escolher?

— Você não tem que fazer escolhas. Eu usei todas ellas, e com todas obtive muito boas exposições. Mas dir-lhe-ei o seguinte. E' que se eu sahisse para filmar sem um desses apparelhos no bolso, a minha situação seria a mesma de um sujeito qualquer que sahisse para jogar uma partida de poker com as fichas no bolso. Os films virgens representariam as fichas, mas eu não saberia se voltaria com ellas ou não. O caso é o mesmo. Palavra que sem um medidor, eu preferiria guardar a camara, e ficar em casa ouvindo o radio.

— De modo que você não acredita em calculos por sorte?

— Emquanto o film virgem custar sessenta e cinco mil réis o rolo, é claro que não!...

CORRESPONDENCIA

Castor Victorino Coelho (Rio) — A sua carta representou para mim uma agradável surpresa, mas você não tem que me pedir desculpas de especie alguma.

Quanto ao titulo de "speaker" que você dá ao director, pelo facto delle usar o megaphone, isso depende do seu proprio gosto, mas eu continuo a denominal-o improprio para o fim a que se destina.

No mais, estarei sempre prompto a auxilial-o, desde que o amigo me mande perguntar a questão que o embaraça.

Por ultimo você fala em photographias, e eu lhe affirmo que é o que mais falta ao cinema de amadores. Se tiver algumas, enviem'as que eu as publicarei, porque photographias de amadores são o melhor incentivo para os outros, para os novatos, e o melhor meio de reunião para todos os cine amadores do nosso paiz.

Opiniões de Lowell Sherman

Esta narrativa poderia chamar-se, talvez. "Brincando com a Vida". Trata-se, nella, daquella figura maliciosa e suave de Lowell Sherman e da sua peculiar maneira de lidar com a vida, sabiamente, brincando, pode-se dizer... Era uma bôa idéa. Mas: "Lowell Sherman não é do amor .." vem mais a proposito, não acham?...

Lowell Sherman tem sido, no Cinema, uma figura sempre cynica, sempre deshonesta: em amores e em caracter. *Lawful Larceny,* o ultimo film em que nos appareceu e que, aliás, era dirigido por elle mesmo, tendo Bebe Daniels no rincipal papel, foi outra demonstração do que estamos affirmando...

Lowell Sherman, no emtanto, é um individuo feliz. Agora já é mais facil, para nós encarar os problemas da sua vida...

Alguem, ha tempos, commentando os seus casamentos, disse.

— Pauline Garon era justamente bôa para o que elle *parecia* ser. Helene Costello é justamente excellente para o que elle "é"...

Commentario astuto, sem duvida e bastante feliz. No Cinema, Lowell apparenta uma cousa. Na vida, é completamente differente... Ha, nelle, cousas bastante interessantes de serem observadas. Vamos tentar?...

Ha dias, quando conversamos com elle e combinamos esta entrevista, elle nos disse, em forma de pergunta.

— Ser um amante, no Cinema, obriga o sujeito a ser um outro tanto perfeito amante *fóra* do Cinema?... Foi uma pergunta que ficou suspensa aos nossos ouvidos e, assim, nada mais interessante do que ouvir, mesmo, tudo quanto elle nos teria a dizer.

— Ser virtuoso, no Cinema, meu amigo, é ser monotono. Os americanos apreciam, immenso, a victoria da virtude sobre o vicio. Assim, no coração de um villão de coração preto e luvas brancas, a mais simples nota de sentimentalismo e bons instinctos é motivo para commoção intensa na platéa...

Ninguem, em Lowell Sherman, poderá descobrir, facilmente, o verdadeiro homem. No emtanto, ninguem o pode ver, é logico, sem pensar numa sua possivel deshonestidade. E' força do typo que elle realizou na téla, durante sua longa carreira.

Lowell Sherman, fóra do Cinema, é pouco communicativo. Prefere, do Cinema, a sua parte technica e, assim, dá preferencia a realizar trabalhos para William Le Baron, presidente da fabrica que o tem sob contracto, do que, mesmo, abrilhantar um elenco com os maneirismos da sua alma que sempre está mais polida do que unhas entregues á peritas *manicures*...

Uma cousa, sem duvida, Lowell guarda fóra da téla, tanto quanto dentro della. E' a sua sublime e irreprehensivel elegancia. E' o mesmo. Irreprehensivel, isto mesmo!

Os seus modos de encarar a vida, especificam-se pelos seus dois pratos predilectos. São elles, mesmo, o symbolo da sua existencia. Ou prezunto com ovos. Ou caviar...

Elle acha que o homem procura, na mulher, dois pontos: a feminilidade e a domesticidade. Mas para casar é a domesticidade que elle procura.

Elle approva a independencia financeira da esposa, mas não acha que seja uma cousa bôa para a estabilidade do lar. O marido, diz elle, soffre com isso alguma humilhação e apenas isto já basta para deteriorar as outras vantagens que essa mesma independencia venha a trazer. Acha, no emtanto, que qualquer mulher deve ter sempre a sua vocação. Qualquer cousa, na vida, em resumo, que possa lhe dar o sustento, em qualquer circumstancia.

Lowell Sherman, para aquelle que o observe bem, parece, mesmo, uma novella escripta por Michael Arlen...

Quando lhe perguntamos se elle era, realmente, um grande cynico, desilludido e bocejante do mundo, deu elle uma forte e gostosa gargalhada. Elle não concorda, nem mesmo para ser agradavel á uma mulher, com qualquer dos predicados que elle demonstra na téla. Cousa interessante! Lowell Sherman é o typo do sujeito que ainda acredita em São Nicolau, gosta de receber presentes e seria até

(Termina no fim do numero).

Lowell Sherman e Frances Dade em "He Knew Women"...

CINEMA de AMADORES

(De SERGIO BARRETO FILHO)

DISCUTINDO, EM TERMOS SIMPLES, AS QUESTÕES DE EXPOSIÇÃO

— Olá! Estive fóra, este mez, filmando com a minha camara, e por isso não pude tornar a vel-o. Mas queria consultal-o porque tenho quatro rolos de film, e nenhum deles sahiu que prestasse.

— Mas qual é o defeito?

— Ha muitas scenas escuras e opacas, e outras claras e transparentes demais. Quasi a metade dellas está nessas condições. Ha falta de exposição por força.

— E você sabe qual a razão dessa falta?

— Sei, naturalmente, que umas exposições foram demasiadas e outras foram insufficientes, mas não sei como prevenir esses males, da proxima vez.

— Mas você examinou o seu primeiro rolo de filmagem, antes de começar os outros?

— Não; não tive tempo. Nem guardei notas a respeito. Foi o meu maior erro, porém, agora passarei a tomar notas e a examinar os films.

— Em que ponto você collocou o diaphragma, para a filmagem das scenas?

— Primeiro, li os livros de instrucções, e depois calculei um expoente "F" para cada uma das condições de luz: brilhante, normal, cinzenta e escura. Desse modo, colloquei o diaphragma no melhor ponto possivel. Si eu tivesse tomado notas, poderia ter obtido melhores resultados. Mas afinal de contas isto não é um divertimento como outro qualquer?

— De certo. Mas como quer você obter bôas exposições sem notas nem exames, e apenas com calculos ao acaso? Isso é uma questão de sorte.

— Bem; aliás estou de accordo. Calculei apenas si a luz seria esta ou aquella.

— E errou cincoenta vezes sobre cem.

— Pois é por isso que me parece necessario, um conhecimento melhor do assumpto Que lhe parece um medidor de exposições?

— Você mesmo é quem o está suggerindo. E' a melhor solução para casos como esse, em que se fazem calculos para errar.

— Muito bem. Mas que marca deverei preferir?

— A marca que mais lhe agradar, depois de examinal-os, um por um. Não foi assim que você comprou a sua camara e o seu projector?

— Mas escute. E as tabellas que vêm, ás vezes, ao lado da camara?

— Essas não passam de palliativos para os calculos de sorte, e você terá que descobrir si o tempo está claro ou escuro, da mesma maneira.

— E os papeis sensibilizados para experimentar a luz?

— Esses só servem para photographia A experiencia é muito demorada para ser usada com os films cinematographicos.

— De modo que o que você recommenda é o medidor em que se olha atravez de uma lente ou um espelho. Mas não se terá que calcular tambem o estado do tempo, nesses medidores de exposições?

— Absolutamente. Você observa cuidadosamente uma coisa qualquer, atravez da objectiva do medidor. E no momento em que ella apparece e desapparece, você nota si a imagem está clara ou escura demais.

— E quaes são esses medidores de exposição?

Ha varios. A Bell & Howell tem um, a Drem tem outro, a Lios tem outro, a Hugo Meyer tem o quarto, e o ultimo é o da Zeiss Todos elles são productos de companhias muito acreditadas.

— O que que você me diz sobre esses medidores?

— A Drem lançou os seus no mercado, ha uns annos. O "Cinephot" e o "Dremophot" para camaras cinematographicas de marcas differentes, e o "Justophot" para camaras photographicas. As instrucções dirão como usal-os. Mas ha outras coisas que é preciso recommendar aqui. E' necessario ajustar o medidor para a propria vista do observador. Fazer esse ajustamento tal como se faz o foco de um telescopio, e deixal-o focalizado, assim que elle estiver em foco. Se acaso emprestal-o a alguem, note primeiro e corrija a focalização, antes de tornar a usal-o. O melhor será fazer uma pequenina marca, na escala, no ponto em que o medidor fica focalizado para a sua propria vista, de modo a poder voltar ao foco rapidamente. Outro ponto. Esse medidor é construido sobre o principio "do primeiro apparecimento". Não convem ler as indicações logo á primeira operação. E' preciso repetir essa operação uma, duas e mais vezes, até se ter a certeza de que a imagem apparece á primeira vez. E não se usa o annel do medidor como quem está dando corda num relogio, mas muito cuidadosamente. Ainda outro ponto. Se você esteve mergulhado num ambiente de luz muito brilhante, e deseja usar o medidor, descance primeiro a vista, antes de effetuar a operação e proceder á leitura do indice na escala.

Carlos Alves Gadelha, um dos nossos amadores mais enthusiastas, e um dos que se lançaram, junto com Castor Victorino Coelho, a formação da A. B. C. (Amadores Brasileiros Cinematographicos).

O "Drem Cinophot" introduzido no mercado brasileiro pela Kodak, ha quasi um anno.

O "Correctoscope" de Hugo Meyer appareceu depois. Trata-se, ao mesmo tempo, de um instrumento para corrigir o foco e de um medidor de exposições. Vamos, porém, deixar á parte a questão do foco e falar sómente das exposições. Aqui, as instrucções dirão ainda como usal-o. Para se ler a indicação é preciso levantar a alavanca que colloca o vidro azul em posição. Ao preparal-o para a nossa propria vista, é preciso desatarrachar-se um pequeno parafuso, e collocar-se a lente em foco com a nossa vista tal como se faz com um binoculo de theatro. E é preciso repetir essa operação, se acaso o medidor foi emprestado a alguem. A operação de fazer com que as imagens appareçam, da obscuridade completa para a luz, depende apenas de um toque com o indicador. e dahi a necessidade de um treinamento especial dos dedos, principalmente do indicador, antes de usar esse genero de accessorios para o amador.

A Bell & Howell introduziu recentemente no mercado um "photometro" que trabalha por meio de um filamento incandescente alimentado por uma bateria de pilhas seccas. Com este apparelho, é preciso ajustal-o frequentemente á propria vista, devido ás variações na potencia da bateria. Ha tambem uma instrucção para a renovação dos elementos da bateria. Ao fazer-se o ajustamento preliminar, move-se o annel na direcção em que o filamento se extingue *gradualmente*, e não na direcção em que elle desapparece *subitamente*.

De outro modo, o erro será enorme. No momento do filamento "extinguir se", continua-se movendo o annel, muito devagar, para a direita e para a esquerda, até que se veja o filamento oscillar através do assumpto cuja exposição se pretende determinar, e desapparecer ou "immergir" na imagem focalizada. Essa operação deve ser realisada mais com a attenção nos ultimos planos da imagem, do que no proprio filamento.

O "Diaphot" Zeiss não necessita desses ajustamentos preliminares, e é construido sobre o principio do "desapparecimento dos detalhes sombrios". Serve tanto para camaras photographicas, como para camaras cinematographicas. E não requer cuidados, além de ser pequeno no tamanho.

O "Kinometer" Lios só se encontra no mercado americano. E' construido sobre o principio do "desapparecimento das cores", e não se vê propriamente a imagem através do apparelho, como acontece com o "photometer", o "Correctoscope" e o "Diaphot". Como se dá com os productos Drem, o observador tem que prestar attenção ás mudanças no campo de visão, as quaes se operam no interior do tubo. Aqui, não ha recommendações particulares a ajuntar ás instrucções que acompanham o apparelho, a não ser que esteja certo de que essas instrucções são para o "Kinometer" e não para o "Actinometer", que é construido para as camaras photographicas.

— Bem. Mas em vista de tudo isso, qual deverei eu escolher?

— Você não tem que fazer escolhas. Eu usei todas ellas, e com todas obtive muito boas exposições. Mas dir-lhe-ei o seguinte. E' que se eu sahisse para filmar sem um desses apparelhos no bolso, a minha situação seria a mesma de um sujeito qualquer que sahisse para jogar uma partida de poker com as fichas no bolso. Os films virgens representariam as fichas, mas eu não saberia se voltaria com ellas ou não. O caso é o mesmo Palavra que sem um medidor, eu preferiria guardar a camara, e ficar em casa ouvindo o radio.

— De modo que você não acredita em calculos por sorte?

— Emquanto o film virgem custar sessenta e cinco mil réis o rolo, é claro que não!...

CORRESPONDENCIA

Castor Victorino Coelho (Rio) — A sua carta representou para mim uma agradavel surpresa, mas você não tem que me pedir desculpas de especie alguma.

Quanto ao titulo de "speaker" que você dá ao director, pelo facto delle usar o megaphone, isso depende do seu proprio gosto, mas eu continuo a denominal-o improprio para o fim a que se destina.

No mais, estarei sempre prompto a auxilial-o, desde que o amigo me mande perguntar a questão que o embaraça.

Por ultimo você fala em photographias, e eu lhe affirmo que é o que mais falta ao cinema de amadores. Se tiver algumas, enviem'as que eu as publicarei, porque photographias de amadores são o melhor incentivo para os outros, para os novatos, e o melhor meio de reunião para todos os cine amadores do nosso paiz.

Chamavam a Charles Rogers, em Hollywood, *Buddy*. Um appellido, como outro qualquer, mas, sem duvida, alguma cousa que o infantilizava e não fazia com que o levassem muito a sério. Agora, no emtanto, baixou a ordem da Paramount aos seus varios departamentos. Elle é só Charles Rogers. Nada de *Buddy!* E isto, com certeza, é o regimen inicial e certo para encetar, elle, uma nova carreira longe dos auspicios infantis em que eram tidos seus trabalhos.

Cordato e sincero, Charles Rogers jamais se revoltou, jamais disse um não. Uma pequena que trabalhou com elle, ha tempos, disse, mesmo, que elle era o typo acabado do *yes boy*. Mas era mentira, com certeza... Agora, no emtanto, Charles resolveu mudar de vida, tomar novas deliberações e empregar outros methodos.

— Charles Rogers revoltou-se?...

E' a pergunta que todos fazem e talvez aqui possamos responder.

Fascinating Youth, foi seu primeiro film. Elle era alumno de uma escola que a Paramount manteve, inutilmente e inutilmente, tambem, conservou longos mezes em funccionamento. O primeiro e ultimo film que o grupo dessa escola fez, foi o *Fascinating Youth*, e Charles Rogers, um dos alumnos, nada fez, durante elle todo, do que sorrir e tornar a sorrir e sorrir de novo. Dahi para diante, elle resolveu gastar aquelle sorriso com fartura e passou a sorrir para todos e para qualquer um que passasse ao seu lado.

Os sorrisos de Charles Rogers, entretanto, eram particularmente *sorridos*, se fosse permittido o termo, para Claire Windsor. Para seus cabellos louros e para seu porte aristocratico, elle sempre sorria e o mais possivel, ainda. Ella estivera casada e era mãe de um lindo filhinho. Divorciara-se do primeiro marido e, depois de um romance que culminou na Alegria, sob o olhar do director Edwin Carewe, casou-se romanticamente com o seu galã, Bert Lytell. Mezes depois, em Hollywood, constaram, ambos, que aquillo não fôra mais, mesmo, do que romantismo algeriano... E, na pessoa de Charles Rogers, entrou mocidade pela vida de Claire Windsor a dentro. Elle, o rapaz do Kansas, com seus sorrisos e seu acanhamento, era aquelle para o qual convergiam as

attenções da loura *estrella*. Mas é caso para tanta admiração?...

O facto é que Hollywood os declarou noivos. Claire e *Buddy* iam a todos os logares, juntos. O mundo todo, pelas noticias que o telegrapho espalhava, conhecia esse noivado. A loura, experiente e o rapazote de Kansas Ci-

Charles Rogers revoltou-se?

ty... Claire, de facto, era uma esplendida creatura: fragil, feminina ao grão extremo. Elle, delicado e meigo, um rapaz sympathico e simplesmente magnifico ao lado de Claire.

Logico é que Claire fosse mais velha do que elle. Naquella epoca, elle tinha apenas 21 annos. O seu ar infantil, mesmo, é que o tornou um *astro* em Hollywood e para o mundo todo, igualmente. E, além de tudo isso, Claire Windsor tambem era de Kansas. Ella de Cawker e elle de Olathe. Tanto o affecto que elle nutria por ella, quanto o della, por elle, eram sinceros. O final é que não foi o esperado. Um *astro* em Hollywood para effeito de sua popularidade, não se deve casar e especialmente com uma mulher mais velha do que elle. Claire, bem o sabemos, não é velha, realmente, mas é mais velha do que elle, ainda que seja de uma belleza fulgurante. A Paramount é que interferiu no romance. Ou elles terminavam aquillo ou ella não o poria sob contracto. Havia planos importantes para o futuro de Charles Rogers, no Cinema e, assim, achavam que elle não se devia prejudicar, naquella epoca, com um casamento.

Charles queria ser *astro*. Sabia, perfeitamente, o dinheirão que a Paramount tinha gasto para o elevar a essa posição, á custa de uma enorme e firme publicidade. Dahi para diante, as cousas, para elele, andaram ás mil maravilhas. Sua mãe veiu para Hollywood, completando a lacuna que elle sentia, na sua existencia e com *Rosa da Irlanda* (Abie's Irish Rose), começou elle uma serie de triumphos que, mais tarde, alçaram-no definitivamente no conceito publico. Houve epoca, mesmo, em que uma *personal appearance*, no palco de um theatro qualquer, com Charles Rogers, fazia um successo de parar transito e só comparavel, mesmo, ás formidaveis que Valentino recebia

(Termina no fim do numero).

DEUSA AFRICANA

(GOLDEN DAWN)

Africa. O coração da selva palpitando na sua vibração mais intensa. O sol mordendo a terra agreste e selvagem e aquella tribu, castigada pela sêde, entregue aos seus estranhos canticos e dansas. Um dia antes, aquelles dominios haviam assistido a uma rude peleja entre allemães e inglezes, com o triumpho definitivo daquelles. E, agora, os indigenas presos aos dominadores do momento pelo prestigio immenso de SHEP, um africano de força sobrenatural e que era temido por todos pela sua crueldade, se divertiam bailando em frente á choupana de MOODA, uma creatura de passado mysterioso e mãe da unica mulher branca da tribu: DAWN!... Aliás sobre a sua origem todos silenciavam porque a ninguem era dado explicar a circumstancia de DAWN ter olhos tão azues e cabellos tão loiros e ser, como todos acreditavam que fosse, filha de uma negra!... Isso mesmo, como uma grande, uma immensa duvida, pairava sobre o espirito de TOM ALLEN, um joven official inglez ali prisioneiro dos allemães triumphadores e que vivia sob a suggestão dos olhos, dos encantos e do corpo branco de DAWN!... Como elle, o proprio SHEP se perturbava ante a pequena adoravel tão linda e tão mimosa e que os africanos tinham resolvido se casasse, na noite seguinte, com MULUNGHA, o deus do fogo, ou melhor — uma simples imagem de pau!...

— oOo —

TOM ALLEN vendo surgir da choupana tosca a adoravel DAWN, encaminhou-se para ella o mesmo fazendo SHEP. Ante a mulher adoravel os dois rivaes se entreolharam e já avançavam um sobre o outro, os olhos fuzilando de odio, quando o capitão ERICO, comprehendendo que daquelle encontro resultaria a morte de um delles — interveiu fazendo vêr a TOM ALLEN que elle ERICO precisava do prestigio immenso daquelle homem para poder dominar apenas com 100 soldados 15 mil africanos!.. E, no proposito de evitar mesmo qualquer movimento anormal o capitão ERICO mandou que TOM ALLEN partisse, pela madrugada, para outro campo, distante daquelle.

"FILM" WARNER BROS

TOM ALLEN	*WALTER WOOLF*
DAWN	*VIVIENNE SÉGAL*
SHEP	*NOAH BEERY*
MOODA	*ALICE GENTLE*
CAPITÃO ERICO	*OTTO MATIESON*
PIGEON	*LUPINO LANE*

— oOo —

Pela madrugada TOM partiu com o cabo PIGEON, exactamente na hora em que DAWN seguia com o immenso cortejo de indigenas para a matta onde se ia juntar a MULUNGHA — o deus que ia desposar!... Mas aconteceu que TOM perdido o rumo que seguia, mandou PIGEON voltar para apanhar uma bussola!... E em caminho PIGEON teve a embargar-lhe os passos o ferocissimo SHEP que depois de obrigal-o a confessar o paradeiro de TOM, espancou-o brutalmente até deixal-o desacordado. A esse tempo, andando a esmo, TOM foi parar á matta em que se achava DAWN, agora sozinha com a imagem de madeira que lhe deram para marido!... Ali, no abandono da floresta, attrahidos pela mesma sympathia e pela força irresistivel do mesmo amor — entregaram-se aos mais doces carinhos e ás maiores ternuras — isso agora sob o olhar colerico de SHEP que de entre o mattagal não lhes perdia um movimento sequer!... Em dado instante, porém, o perverso africano, deixando o seu esconderijo avançou travando então com TOM luta tremenda e acabando por ser vencido, depois dos mais rudes castigos. Humilhado, vencido, SHEP dali sahiu correndo, indo ao encontro do capitão ERICO a quem fez uma narração mentirosa, procurando intrigar TOM e dizendo que o surprehendera conquistando DAWN — facto que poderia pôr em revolta e agitação toda a tribu!... O capitão ERICO, acreditando nas palavras de SHEP mandou uma força, sob o commando deste, prender TOM e leval-o para o porto de mar mais proximo e dahi embarcal-o para o seu paiz natal!... A alma transbordando de dôr, cheio de desespero e de revolta, TOM ALLEN partiu promettendo voltar, um dia, só para para libertar DAWN daquella gente selvagem tão sincera lhe parecia a voz intima que lhe dizia que ella era branca como elle!...

— oOo —

Um anno correu. E nesse periodo os inglezes voltaram a dominar a possessão outrora

(Termina no fim do numero)

A INTELLIGENCIA DAS

CONSTANCE BENNETT

NORMA SHEARER

ANN HARDING

Existem, neste mundo, differentes especies de *intelligencia*. Ou, melhor: uma só intelligencia e tres outras variantes.

Queremos, nestas nossas considerações, analysar a intelligencia das *estrellas* de Hollywood. Sabe-se, perfeitamente, que nem todas o são, mas todas querem ser e é por isto que vêm a proposito algumas destas nossas considerações...

Classificamos as personalidades de Hollywood em quatro especies. Mulheres brilhantes, mulheres intelligentes, mulheres espertas e mulheres *aguias*, empregando a gyria...

Vamos, agora, em torno deste thema, tecer algumas considerações.

—oOo—

Constance Bennett é, sem duvida, uma das mais admiraveis representantes do typo de mulher *brilhante* á qual nos referiamos. Sua apparencia ou sua habilidade na escolha de figurinos novos, de sensação, ou seu sophisma e *chic*, tampouco, são os motivos pelos quaes a achamos uma mulher brilhante. E' ella. Ella toda, com tudo isso e mais alguma coisa: seu intimo. A sua principal qualidade, no emtanto, é a virtude da fria analyse, com a qual ella costuma brindar todos os seus conhecimentos e todos os seus actos.

Constance não se illude consigo propria. Perguntamos-lhe o que pensava sobre uma mulher *brilhante*. Ella teria, com certeza, uma opinião de valor, já que achavamos o prototypo da *estrella* neste capitulo inserta.

— Ha.

Disse-nos ella, pensando bem nas palavras que dizia.

— O violinista brilhante e o actor brilhante. Mesmo um estudante pode ser *brilhante!* Mas toda a pessoa, de facto, pode ser *brilhante* em uma de suas facetas e absolutamente inculta e estupida na outra seguinte... E' a definição de brilhantismo. Quantas, na nossa profissão, no Cinema, não estamos neste caso?...

Tem razão. Constance, por isto mesmo, é uma creatura brilhantissima. Existem, na vida, poucos assumptos que ella não saiba e não possa discutir com propriedade e conhecimento. Não existe, nota-se facilmente, muita cultura na sua educação intellectual, no emtanto, ella enfrenta, como ninguem, com pose e sophisma, qualquer situação e qualqueer assumpto que se lhe desdobrem diante dos olhos. Ella é, mesmo, uma garota de pouco mais de 23 annos, vive em Hollywood e consegue, nesta cidade, ter o tacto e a diplomacia de uma Madame de Staël.

Gloria Swanson, sahida dos *maillots* de Mack Sennett, de origem a mais humilde, é, hoje a Gloria Swanson interessante, *brilhante*, das reuniões, das conversas e dos commentarios e satyras de Hollywood. Depois que De Mille a infiltrou naquellas suas historias de immensos salões de recepção e outros, igualmente magestosos, de banho e perfumada educação physica, Gloria Swanson determinou-se a si propria, com certeza, completar a obra e fazer-se das mais impressionantes figuras de Hollywood. Houve, a seguir, o seu periodo de triumphos maximos e de subitas quédas. Gloria chegou a dictar modas a Hollywood toda e, deste seu brilhantismo social ella se prevaleceu, durante muito tempo. Hoje, Gloria Swanson já é outra. E' a Gloria Swanson commercial. Modos bruscos, phrases seccas, ella mais parece uma presidente de banco ou cousa semelhante, do que uma artista e uma mulher, principalmente. Estará ella tentando lançar *essa* moda?...

Aileen Pringle, nos circulos sociaes de Hollywood e fóra delles, mesmo, teve a sua grande fama de *brilhante* ornamento da sociedade intellectual da Capital do Cinema. Afinal de contas, se analysarmos bem, o *forte* de Aileen Pringle, mesmo no seu dominio social, é o jogo de dominós... Sim. Encontrou-se ella com Joseph Hergesheimer, o conhecido e afamado novellista e elle lhe disse, depois de conversarem sobre muita coisa e sobre sports, principalmente, que nada tanto o alegrava, quanto uma partida de dominós. Aileen, ouvindo isto, convidou-o a disputar immediatamente uma partida com ella. O seu modo de jogar, a sua afabilidade, o encantamento de que cercou o novellista, contribuiram para que elle, depois da noitada, declarasse, para quem quizesse

Estrellas

LOIS MORAN

GLORIA SWANSON

LILYAN TASHMAN

LOUISE FAZENDA

ouvir, que os momentos mais agradaveis de sua vida, acaba elle de os passar em companhia e na casa de Aileen Pringle. E para lá, dahi para diante, moveram-se os intellectuaes e os suppostos intellectuaes, mesmo e, conversando do ultimo noivado ou namoro de Clara Bow ao mais simples escandalo entre *extras,* passou a sociedade de Hollywood e ao divertir immensamente no lar de Aileen Pringle e a crer na phrase do novellista Hergesheimer... Estabeleceu-se a sua fama de intellectual e, hoje em dia, não existe quem conteste semelhante affirmação. O que ella tem, no emtanto, é um raro *brilhantismo* e não uma mentalidade formada e educada. Lois Moran é outra figura de Cinema que possue um raro *brilhantismo.* Discutindo os mais simples topicos da theoria de Einstein ou examinando as mais recentes obras literarias do Paiz, Lois mostra-se conhecedora e apparentemente profunda, mesmo, de assumptos que, na verdade, ella conhece apenas superficialmente. Literatura, para ella, é um sport. Lê o que apparece e, assim, com a sua grande faculdade de assimilação, consegue dar a illusão perfeita de uma grande mentalidade. Nas suas relações de amisades mais intima é que ella revela o seu verdadeiro estado de intelligencia. Dá-se com gente medianamente educada e isto a satisfaz. Inclusive os seus namorados...

Sahida do *Follies* de Ziegfield, Lilyan Tashman tornou-se, em Hollywood, um prodigio verdadeiro de *brilhantismo.* Conhece tudo. Lê tudo. Commenta artigos sobre politica e conhece de cór os nomes dos mais importantes romancistas de seculos passados. Pode contar a vida de Chopin ou Wagner e disserta com perfeição sobre os melhores de xadrez e seus methodos. No emtanto, se lhe pedirmos um conceito, sobre qualquer das suas leituras ou observações, estamos arriscados a receber uma tolice ou, mesmo, um pavoroso erro como resposta. Mas é isto, justamente, o brilhantismo do qual tratavamos. Mostra-se em tudo e de tudo assimila um pouco. Aqui estão algumas das figuras *brilhantes* de Hollywood. Passemos agora ás *intelligentes, de verdade.*

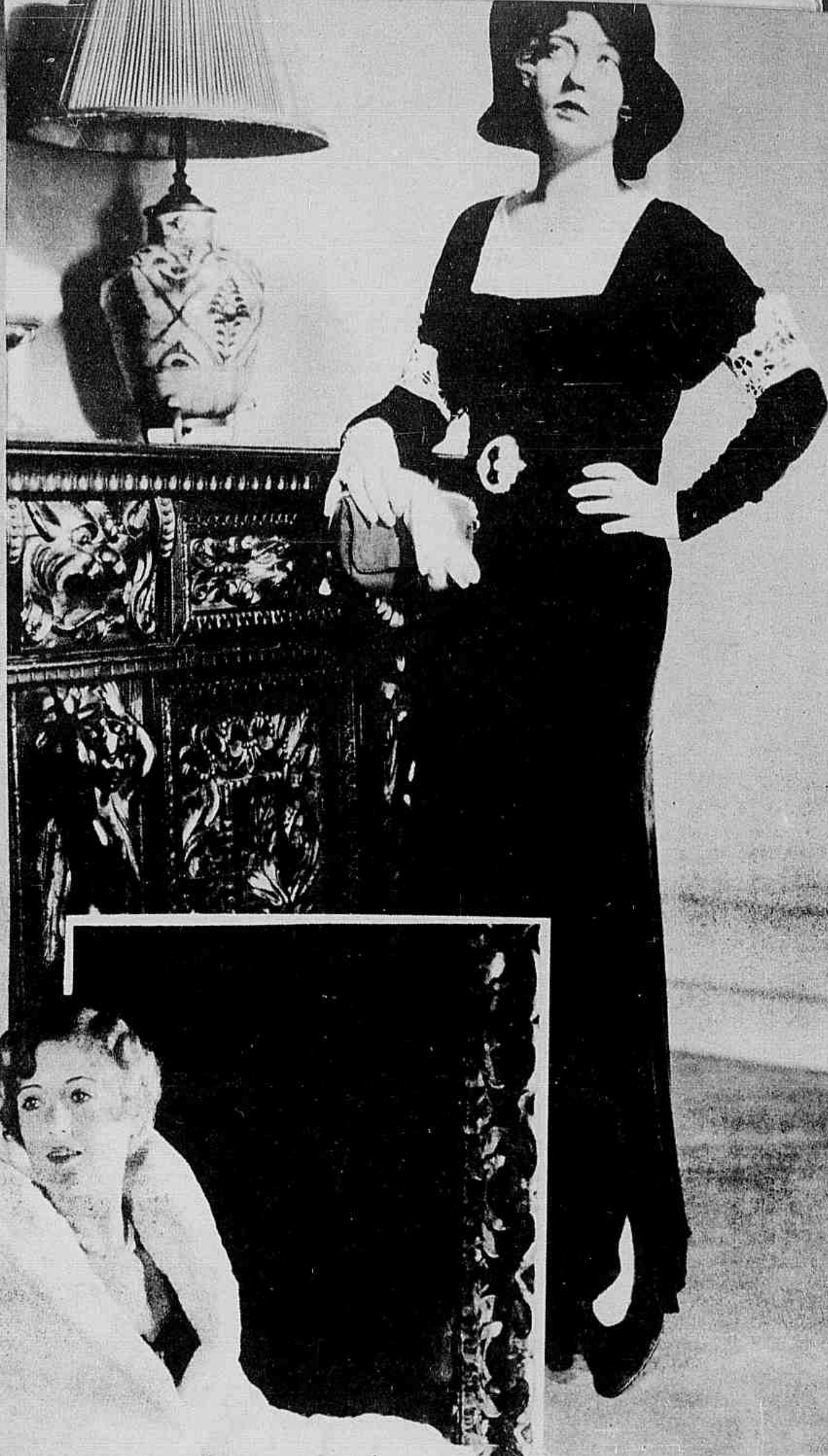
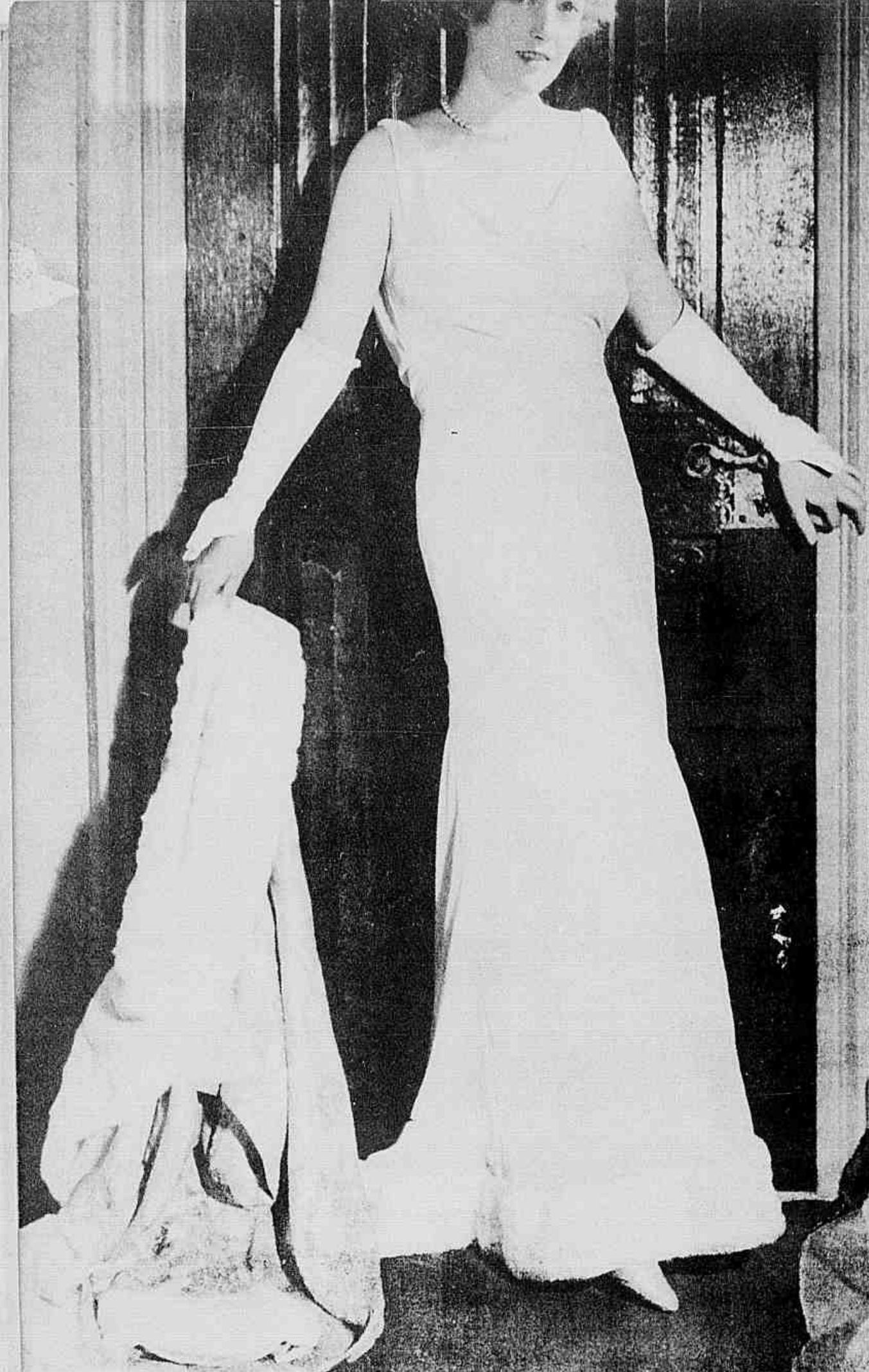
Omar Khayyám disse, sabiamente, que "mesmo um fio de cabello poderá separar o falso do verdadeiro". E' o que se dá com as creaturas *brilhantes* e as *intelligentes*

O brilhantismo, em todos os casos, nada mais é do que uma sub-intelligencia, projectada pelos raios luminosos da personalidade. E' isto que faz umas mulheres brilharem como se fossem joias preciosas e, outras, de mais valor, figurarem com muito menos fulgor. A intelligencia, ás vezes, revela-se pelo simples senso commum das pequeninas cousas da vida.

O numero de mulheres, do Cinema, que têm realmente intelligencia, não só no manejo de suas carreiras, como, tambem, no modo de conduzirem suas vidas privadas e negocios particulares é um tanto ou quanto reduzido e desencorajador.

Mary Pickford é um dos exemplos mais vivos de intelligencia, em Hollywood, se não fôr o primeiro, mesmo. Sua intelligencia, entretanto, não é de conversação e nem de leituras. E' commercial. Sob este aspecto, então, conduziu ella a sua vida com tanta organização e sob principios tão excellentes, que muitos homens invejam seus methodos seguros de viver. E' possivel que, pelas suas cogitações, jamais haja entrado siquer a vontade de se tornar uma *dama,* como Gloria Swanson ou outra deste naipe, mas sob o ponto de vista de orientação, ella sabe cousas que fariam, a felicidade eterna de Gloria, se ella as soubesse... Seu procedimento, além disso, fóra da téla, é e sempre foi irreprehensivel e immaculado. Sempre foi digna e sempre foi intelligente, realmente, no seu menor passo.

Norma Shearer é outra que afina por este mesmo diapazão. E', ella, uma das mais intelligentes creaturas que nos foi dado conhecer. Em Hollywood, mesmo chegamos a falar com ella diversas vezes. Dando entrevistas, então, Norma Shearer é um prodigio. Estuda ella o reporter, em vez delle a estudar e, depois, fere os pontos certos aonde sabe que elle é fraco e nunca errou... Norma Shearer preoccupa-

(Termina no fim do numero).

MARION DAVIES AGORA VESTE-SE ASSIM... TUDO ANDA MUDADO EM HOLLYWOOD... ...FIZERAM ALGUMA REVOLUÇÃO?

Em Hollywood ellas estão se vestindo assim...

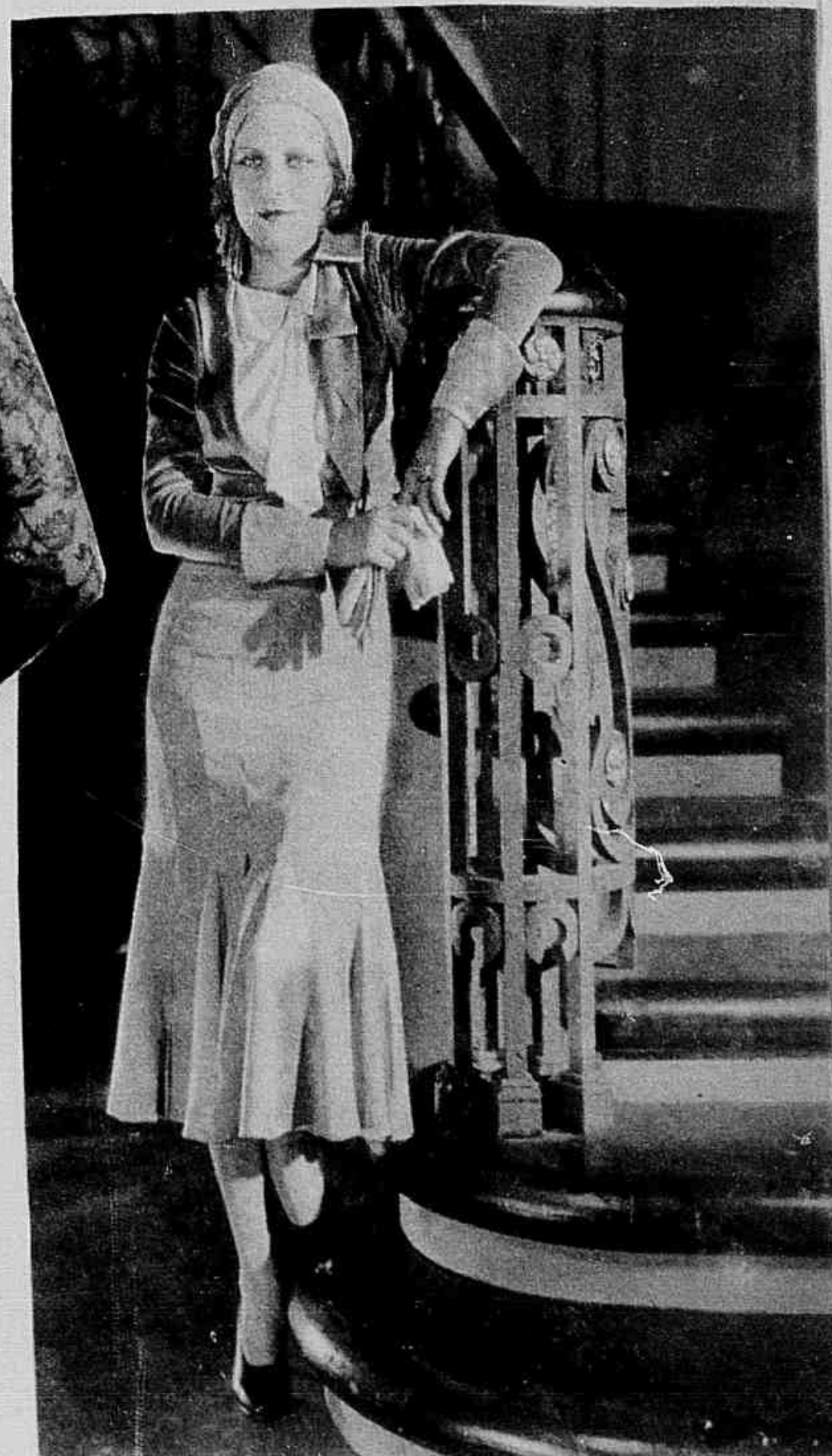
Anita Page

Bessie Love

Dorothy Jordan

June Collyer

Helen Kaizer

Paris, je t'aime, mas ás vezes prefiro os vestidos de Hollywood...

·PAULO E LELITA·

PALACE-THEATRO

MULHER E... NADA MAIS — (Montana Moon) — Film M. G. M. — Producção de 1930.

Depois dos seus grandes successos silenciosos, Joan Crawford entrou num periodo de films falados bem fracos. *A Indomavel* foi um exemplo disso. *Mulher e... nada mais*, no emtanto, é um film que pode ser tomado em conta de bom e que tem, mesmo, trechos realmente felizes. Ha um "tratamento" agradavel.

Neste film, ella volta ao seu antigo desembaraço de *garota moderna*, faz das suas, casa-se com um "cow-boy", revolta-se, é subjugada e tudo termina num grande beijo final. A historia, de Sylvia Thalberg e Frank Butler, se bem que não tenha grande originalidade, é toda ella um rendilhado de momentos comicos, sentimentaes, perfumadissimamente romanticos e dramaticos, mesmo. E' uma especie de "Brutalidade". Joan vive a sua personagem com um sensualismo desnorteante, provocante mesmo e, com o seu physico admiravel, aquelle sorriso todo malicia e a sua voz rouca, feia mas exquisita, seduz e prende qualquer auditorio. Ella é 80% do film. Está provocante e seductora como jamais esteve. Ha scenas suas, com John Mack Brown, beijos seus, com o mesmo, que são obras primas de legitimo "it"...

John Mack Brown, fazendo um papel de "cow-boy" e falando com um sotaque carregado, desempenha admiravelmente o que lhe coube. Elle é um outro grande attractivo do film e, depois delle, vae ficar mais querido ainda.

A direcção de Malcolm St. Clair, em geral, salienta-se pelos seus repetidos trechos de romantismo ao ponto de assucar, mesmo. E, em outros trechos, pela arte com que arrancou, de Joan Crawford, tanta suavidade, dentro de tamanho sensualismo. A sua direcção e a interpretação de Joan, naquella scena de bebedeira della, quando regressa para casa, alta madrugada, valem o film. Elle pode fazer muito mais, sem duvida, mas este film recommenda-o e não o desmerece.

Dorothy Sebastian, quasi sem opportunidade de sequer um "close-up", pouquissimo apparece. Ricardo Cortez, apparecendo sempre mais um pouco, tem trechos felizes e é uma tinta excellente.

Cliff Edwards, fazendo graça e cantando algumas canções, agrada. Os demais comicos são Benny Rubin, Karl Dane.

A photographia de William Daniels, alliada ao gosto de Malcolm St. Clair, é sem favor admiravel.

Os dialogos são de Joe Farham e têm muita cousa realmente engraçada e interessante para os que entenderem inglez. Para os demais, os letreiros intercalados valerão de muito.

Cotação: — 7 pontos.

ODEON

O MONSTRO MARINHO — (The Sea Bat) — Film M. G. M. — Producção 1930.

Se deixassem de banda uns tantos *sub-plots* desnecessarios á narrativa Cinematographica deste assumpto, explorando, assim, mais ainda o caso de Nina e do Reverendo Sims, teriamos um desses raros films que nos fazem pensar e nos dão um grande sabor de arte ao paladar do cerebro.

Ha *muita* historia neste film. A demasia de situações não permitte o desenvolvimento natural do trecho principal. E este, realmente, se não fosse a figura pavorosa, indescriptivel de Charles Bickford, seria uma maravilha. Apesar disso, no emtanto, *Monstro Marinho* é um film que se póde classificar como bom. Que outras cousas não tivesse, tem Raquel Torres, John Miljean e George Marion. Além disso, a direcção segura e interessante de Wesley Ruggles.

Não houve a preoccupação de imitar *Deus Branco*. Houve, apenas, a intenção de fazer um film passar-se mais uma vez numa ilha dos Mares do Sul, tendo uma pequena com poucas roupas e muito "it", os homens a rodarem em torno dellas, perigosos e instigados pelo sensualismo daquella linda flor selvagem e, tambem, trechos de photographia lindissima e outras de tempestades e tubarões enormes e uma raia que só pode assustar aos que acreditam em contos de fadas. Nada mais.

Ha scenas bem bôas. O principio todo, até ao trecho do primeiro violento contacto de Raquel com Charles Bickford, é bom. Dahi para diante, ha vacillações, em certos trechos e felicidade, em outros. Media: bom.

Raquel Torres é o principal attractivo do film. Apresenta-se linda como não a pensavamos ser e apparece em uma scena, naquella em que seduz o reverendo Sims, deitada ao seu lado, entre aquellas folhagens, que é raro trecho do film e um, tambem, no qual Raquel se apresenta nova e profundamente interessante. Ella está dez vezes mais aproveitada do que em *Deus Branco* e muito mais linda. Charles Bickford, talvez nos enganemos, não é a figura para aquillo. Não é sympathico. Aquelle homem podia ser, perfeitamente, um evadido da Ilha do Diabo e um assassino, portanto, mas tinha que ser mais sympathico. Depois, achamol-o muito desageitado, sem graça e nem sempre sufficientemente expressivo. Mas não chega a comprometter o seu papel.

John Miljean, num papel de villão repellente, sensual e immundo, vae bem. Exaggera algumas expressões, mas em geral está esplendido. George Marion faz um caróla falso e apreciador incondicional da bebida. Boris Karloff e Gibson Gowland, boas tintas. Nils Asther tem um papel curtissimo e fal-o muito bem. Pena que não o aproveitem em cousas de mais valor. Elle é esplendido.

Edmund Bresse, Mathilde Comont e Mack Swain, tambem apparecem.

O argumento de Dorothy Yost é interessante. A continuidade de Bess Meredith e John Howard Lawson, aqui e ali pontuada com detalhes preciosos, como aquella indecisão de Charles Bickford, entre o revólver e a biblia. E, assim, outras cousas

O film foi apresentado todo falado e, apesar disso, não é um film parado, não. E' movimentado, rapido, muito interessante, principalmente naquelles trechos de colheita de esponjas, no fundo do oceano.

Letreiros intercalados explicam as situações aos que não entenderem o falatorio.

Vale a pena, pela direcção de Wesley Ruggles e pelo trabalho e seducção de Raquel Torres.

A tela em

Operou o film, com muita felicidade, Ira Morgan.

Cotação: — 6 pontos.

Como complemento, uma comedia só com cães, ladrada em hespanhol... Chama-se *Torcendo prá Cachorro* e é apenas interessante. Mas é longa e chega a tornar-se cacete.

IMPERIO

COM BYRD NO POLO SUL — (With Byrd in the South Pole) — Film Paramount — Producção de 1930.

Film natural, documentario da celebre afamada expedição do *az* americano. As falas em brasileiro estão numa linguagem muita empollada e desagradam. Ha interesse grande para os apreciadores deste genero.

Um film do natural. Vejam, no emtanto se lhes fascinam aventuras assim.

LABIOS SEM BEIJOS — (Film da CINÉDIA) — 1930 — (Programma Paramount).

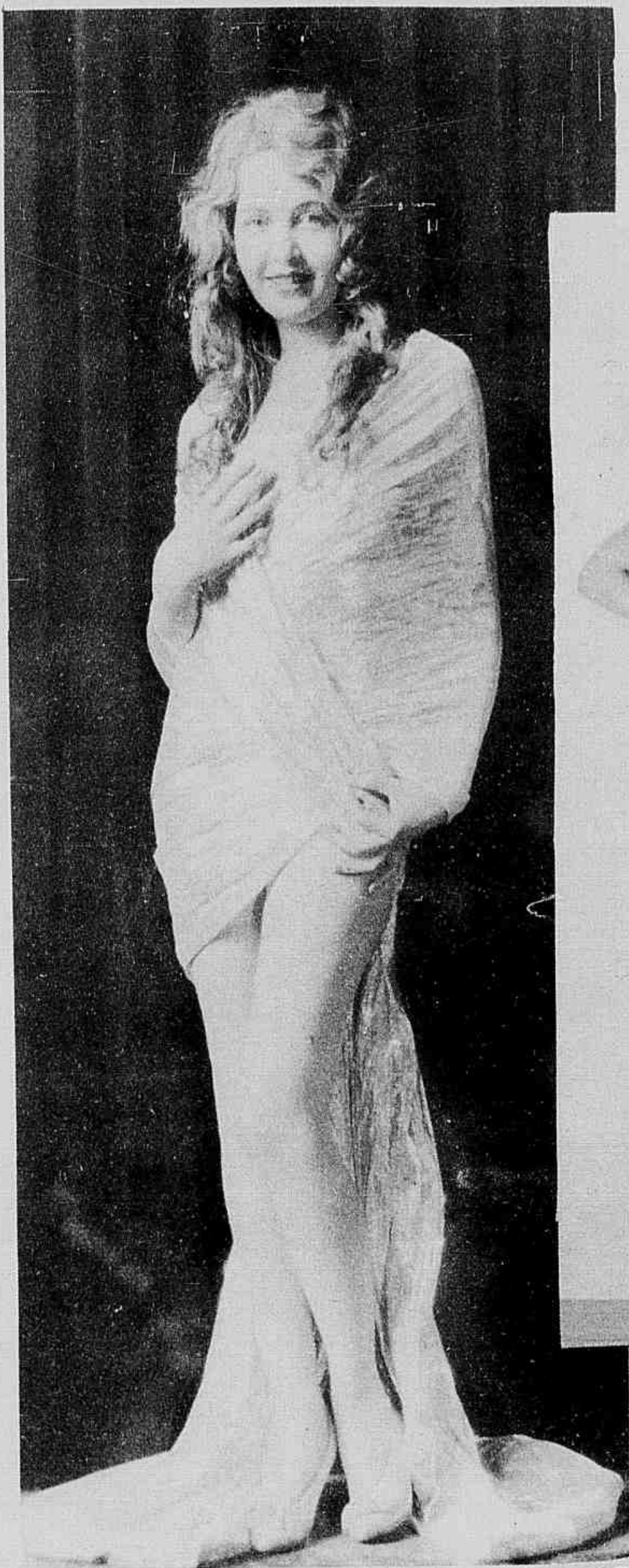
Photographicamente perfeito e technicamente irreprehensivel, *Labios sem Beijos* encontra, como film Brasileiro, seus pontos de deficiencia, todos elles, entretanto, frutos do primeiro trabalho de um studio que agora está organizado e apto a produzir em condições melhores.

Assumpto leve, moderno, tratado com originalidade e descripto, photographicamente, com muita imaginação, *Labios sem Beijos* é um dos melhores films Brasileiros que já vimos. Feliz nas suas locações, nos seus interiores e no seu tratamento, o film teve, além disso, no seu elenco, Lelita Rosa, Paulo Morano, Didi Viana, Tamar Moema e Decio Murillo, todos bem, nos seus papeis, embora Lelita não fosse bem o typo que a historia pedia e Tamar Moema, igualmente. Paulo Morano, na nossa opinião, foi a revelação do film: photogenico, dentro do papel e movendo-se com desembaraço. Didi Viana, embora num papel pequeno e tambem um pouco deslocada, salienta-se e Augusta Guimarães, Alfredo Rosario, Gina Cavalliere, Ivan Villar, Maximo Serrano e outros completam o elenco.

Uma das scenas mais felizes do film, é a da Vista Chineza, quer pela sua interpretação, quer pelos seus apanhados opportunos e phantasticamente bonitos, quer pela direcção. A da correria de Lelita e Didi, em busca de Paulo Morano, photographicamente a cousa mais artistica e linda que já vimos em film Brasileiro. A invasão do quarto de Lelita, culminando naquelle bonito symbolo do papagaio, um tanto ou quanto fria. O inicio todo, até o dialogo de Lelita com o tio, excelente. Igualmente a ligeira sequencia de praia, com alguns apanhados inéditos. O final é bastante original e interessante. O *climax* não está esticado com a necessaria impetuosidade para lhe dar a rigidez necessaria na scena capital.

E, em resumo, são estes os defeitos e as qualidades de *Labios sem Beijos*, primeiro film da *Cinédia* que a Paramount está distribuindo pelo Brasil todo.

Não marca mais um passo na industria do Cinema, no Brasil, como poderiamos dizer e com razão, porque é, sem duvida, o seu passo mais adiantado e solido.

Cotação: — 7 pontos.

Que tal?

Catherine Moylan...

Tambem já estou gostando de você.

O film pode ser falado ou silencioso, mas a Belleza antes de tudo...

DEUSA AFRICANA

(FIM)

tomada pelos allemães. E TOM lá tambem appareceu doido para encontrar a mulher querida, de quem não deixara mais de se lembrar!... Mas os seus superiores assim que souberam das suas intenções trataram de aconselhal-o pois acontecia na occasião, um facto extraordinario na vida da tribu!... E' que, acossados pela mais tragica falta de agua, pois havia oito dias o precioso liquido não apparecia naquella zona, matando o gado e as plantações, os indigenas tinham resolvido offerecer a vida de DAWN em holocausto ao deus que não lhes ouvia as preces!... E só um dia faltava para acabar o prazo sinistro!... Mas TOM não desanimou. Bastava encontrar MOODA, a mãe de DAWN, para salval-a, pois esta confessando que a sua mulher querida não era africana — a tribu lhe pouparia a vida e lhe restituiria a liberdade!... Horas a fio TOM pesquisou até que foi surprehender MOODA no interior de um botequim, precisamente na occasião em que encontrada pelo marido, um velho inglez, plantador de café, com elle discutia sobre o paradeiro de DAWN!... TOM ALLEN ouviu dos labios della que DAWN não era sua filha e filha sim de uma mulher branca!... Louco de alegria TOM correu ao encontro de DAWN chegando ao local do seu doloroso sacrificio quando se approximava a hora suprema. Vendo-o SHEP quiz, mais uma vez vencel-o pela intriga mas a serva de de DAWN, sua amante, enciumada, denunciou-o tambem como violador das leis do deus MULUNGHA!...

Ante a confissão de TOM ALLEN, DAWN foi solta e entregue a elle, isso ao tempo que SHEP era immolado á furia infernal do deus em revolta e a tropa ingleza avançava!... Dir-se-hia que se ia ferir uma luta de morte, renhida e sangrenta entre os africanos e brancos. Mas despertando á razão das cousas humanas parece, aquelle deus que ficara surdo a tantas preces — fez tombar daquelles céos cinzentos a chuva por que tanto imploraram!... E a agua immensa cahindo sobre aquella gente e aquella terra escaldante fez-lhe arrefecer os odios, evitando que se travasse luta tão brutal!...

+ + +

Livre, DAWN voltou pelo braço amoroso do homem querido, para a sua terra de origem, começando uma vida nova de felicidade e de amôr...

A Intelligencia das Estrellas

(FIM)

se o essencialmente necessario com vestidos, gastos, modas, joias, etc. Ella se preoccupa, principalmente, com sua carreira, com sua fortuna e com seu lar. Ella é, mesmo, justamente aquillo que podemos chamar "estrella" feita á propria custa. Se, hoje em dia, é; mesmo; um dos maiores vultos do Cinema, deve-o, póde dizer sem susto, á sua admiravel perseverança e á sua força de vontade sem precedentes. Nunca teve um papel formidavel que a levasse da noite para o dia acs primeiros papeis, como acaba de acontecer a Marlene Dietrich, por exemplo. Nem; tampouco; era belleza phantastica. Além disso, não era do typo de mulher que seria agrado para todas as platéas de todos os Paizes do mundo. Além disso, contra seu proprio physico, lutou severamente até conseguir o que queria para enfrentar a pupularidade e, hoje; Norma Shearer é mundialmente celebre e uma vencedora radical no Cinema, falado ou silencioso. Com o poder da sua vontade é que ella conduziu brilhantemente sua carreira e, em torno do seu trabalho, com essa mesma perseverança, conseguir erguer um constante pedido para o seu trabalho. Fez-se, póde-se dizer, á sua custa e com os maiores sacrificios. Merece a posição e a situação que desfructa. E' uma mulher intelligente.

Ann Harding tambem pertence a esta classe de mulheres realmente intelligentes do Cinema. Quando commentei os seus primeiros successos no Cinema, depois de já os haver apontado, quando ella era ainda artista de theatro, notei seu penteado desleixado e seu pouco criterio em materia de modas. Mas reconheci, sem duvida, nos seus olhos; na sua interpretação, no seu todo, a mulher profundamente intelligente que ella é, sem duvida. Entrevistámol-a, mais tarde. Confirmou-se a nossa opinião sobre a sua intelligencia. Ella ainda não é sufficientemente conhecida para ser "A Mulher Mais Popular de Hollywood", evidentemente, mas é uma das mais intelligentes, podemos garantir sem o menor receio de errar.

Ann Harding tem o máo costume de não ligar a vestidos e, para as modistas que a servem, tornase um desespero constante, pelo seu modo de encarar esse problema. No Cinema, no emtanto, isto não é admissivel. Passava, no theatro. Mas no Cinema não é possivel e ninguem a acceita como tal. Mas ella é intelligente e ha de comprehender isso. Depois, então, teremos a victoria della neste ponto, tambem. E' preciso mudar só isso para se fazer mais celebre. ainda.

Louise Fazenda, para aquelle que tiver senso de observação, é uma mulher intelligente, igualmente. A sua maior qualidade, a nosso ver, é o humorismo constante com que reveste todos os actos de sua vida. O seu senso de humorismo, póde-se dizer sem receio de errar, é o primeiro de Hollywood toda. Quando ella se casou com Hal Wallis, gerente geral dos Studios First National, muita gente malbarateou essa união. Acharam que Hal não soubera escolher esposa... Mas Louise Fazenda, longe disso, é uma creatura admiravel e sabe, com perfeição unica, dosar os seus actos humoristicos com seu dever de esposa e dizem que ella e Hal formam um dos casaes mais felizes da cidade.

Ruth Chatterton tambem é uma representante do typo de mulher intelligente que estamos discutindo. Ella, no theatro, teve periodos bons e, afinal, conseguiu o apogeu. Depois, por qualquer motivo que é do conhecimento apenas da sorte, cahio e a sua queda foi vertiginosa. Passou a ser a menos interessante das artistas theatraes dos Estados Unidos. Agora, com o Cinema, recompoz de tal maneira a sua personalidade que, sem favor, é uma das mais interessantes e importantes figuras do Cinema contemporaneo. Uma creatura que é capaz de recompor assim a sua vida artistica, é, innegavelmente, uma mulher de raros meritos intellectuaes.

Encontramos, neste terreno, ainda, a figura insinuante de Kay Francis que, além de *brilhante é intelligente*, o que, sem duvida; constitue um facto virgem nos annaes. A maneira e o comportamento social com que age e, ainda, a sua distincção intellectual e normal, mesmo, fazem-na uma figura de raros meritos.

Aqui está a galeria. Agora, teremos que enfrentar o problema das "astutas" e das "aguias". Mas é melhor deixarmos para uma outra proxima opportunidade, quando já estejamos mais refeitos da impressão que estas notas vão provocar, na colonia...

Charles Rogers revoltou-se?...

(FIM)

nos dias de "primeiras" dos seus grandes films. "Buddy", honra seja feita, soube compensar os esforços de todos e trabalhou com afinco e carinho.

E Claire Windsor?... Claire foi para New York e começou sua carreira theatral. Exceptuando o "vaudeville", não parece que tenha sido muito bem succedida, não. O que New York soube logo depois, é que era constantemente vista em companhia de Phil Plant, ex-marido de Constante Bennett...

Além de trabalhar com afinco, em Hollywood, de lá chegavam sempre noticias de suas sahidas com Mary Brian e dos seus passeios em companhia de June Collyer. E, com bons films, bôa apparencia, boas pequenas, que cousa melhor poderia ambicionar "Buddy"?...

Logo depois do accidente de Long Island Sound, quando o "yacht" de Phil Plant foi abalroado por outro e elle e Claire Windsor foram salvos milagrosamente, terminou este romance da loura estrella. Plant annunciou que partia para a Africa, a passeio e ella não disse nada.

Nesta mesma época, Charles Rogers voltou a Manhattan. Não era mais "Buddy", entretanto. Era Charles Rogers, um homem de responsabilidade e com a noção dos seus proprios actos. Immediatamente a Paramount rompeu a nova: Charles Rogers não é mais "Buddy!" E isto correu o mundo todo.

Para fazer "Heads Up", um novo film e para "personal appearances", Charles Rogers foi a New York e lá tornou a encontrar-se com Claire Windsor juntos, começaram uma serie de passeios. Quando se exhibiu a peça "Once in a Lifetime", Charles Rogers e Claire Windsor, de mãos dadas, achavam-se na primeira fileira, attentos á peça. Richard Barthelmess e sua esposa tambem se achavam na noite dessa "premiére", mas o facto é que as attenções não podiam fugir de Charles e sua loura e linda companheira.

Depois disso, no Casino, aquelle elegante restaurante do Central Park, um recanto de Paris em Manhattan, Charles era sempre visto com Claire Windsor. Tambem se encontravam ali, Virginia Valli e Winston Guest, famoso jogador de polo e outros casaes de artistas celebres.

Afinal, por que é, mesmo, que Charles não pode acompanhar Claire e estar aonde ella está? Por que? Por acaso elle já não deixou de ser "Buddy"?...

A amisade platonica delle por Claire, entretanto, é alguma cousa que elle proprio affirma e, se assim fôr, realmente, constitue o primeiro caso de Hollywood, neste genero. A's entrevistas, Charles continua affirmando que se não quer casar. Diz, mesmo, que ainda não encontrou a mulher que lhe convem. Mas, já que elle se revoltou contra tantos principios e está levando sua vida com tantas reformas, não resolverá elle mais uma revolução e tomará outras attitudes em relação a Claire Windsor?...

Charles, para verem o quanto elle anda mudado, basta que se diga que poucos são aquelles que lhe vêem os sorrisos, constando, mesmo, que ainda os venderá mais caros do que os de Buster Keaton.

Além disso tudo, durante a filmagem de "Heads Up", Charles Rogers fumou o seu primeiro cigarro!!!... Um verdadeiro escandalo no "lot", consta... Mas o facto é que elle se acha na Europa, actualmente, para aonde levou sua mãe a passeio. Quando voltar, entretanto, dizem as más linguas que elle tomará maiores e mais desembaraçadas resoluções com referencia a Claire Windsor...

Que não gosta de Jean Arthur?

(FIM)

ficava-me melhor deixar a cousa tomar seu curso normal e, por isso, não mais me importunei com essa cousa que até hoje é minha amargura...

Mudei de assumpto, immediatamente. Perguntei-lhe, se, de facto, dissera que toda sua ambição é um pequeno sitio com alguns animaes e todo conforto.

— Sim, naturalmente. Mas isto, com certeza, para depois que perder a minha ultima illusão com o Cinema.

Jean não gosta de "bridge" e nem de chás de cinco horas. Corridas de cães tambem são aborrecimentos para ella... Sua voz, fóra do Cinema, não é nasal. Disse-me ella, no emtanto, que parte daquelle seu modo de falar em "Uma Pequena das Minhas", foi cousa da caracterização que viveu e não mais do que affectação proposital. Depois disso, no emtanto, sua voz continuou gravando nasalmente, em outros films. Habito, talvez.

Aqui estão os ultimos dados que me deu para a sua biographia. Tem cinco pés e 3 pollegadas de altura. Nasceu a 17 de Outubro de 1907. Vive em Hollywood com seus paes que tudo deixaram em New York para acompanhal-a. Tem dois irmãos mais velhos e, em New York, dois sobrinhos que se educam e que ainda hão de morar com ella, disse-me.

Foi tudo. Acham que ella não é uma figurinha interessante, realmente?...

NÓS
OFFERECEMOS
DINHEIRO...
SIM,
Porque todos ganham
dinheiro e augmentam
as suas vendas
annunciando
nas Revistas:
Eu vi: - Para-todos... - Cinearte -
O Tico-Tico - Moda e Bordado -
O Mez Illustrado - Illustração
Brasileira - Leitura para todos

IPANEMA T.N.
611
Odol
á
melhor pasta
para dentes